

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**GRACEJANDO DAS FILHAS DE EVA: A MULHER BURGUESA EM  
ANEDOTAS OITOCENTISTAS**

Aline Augusta Rocha Rabelo

**São Cristóvão**  
**Sergipe - Brasil**  
**2015**

**ALINE AUGUSTA ROCHA RABELO**

**GRACEJANDO DAS FILHAS DE EVA: A MULHER BURGUESA EM  
ANEDOTAS OITOCENTISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Cultura e Sociedade. Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza

**SÃO CRISTÓVÃO/ SE  
BRASIL 2015**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Rabelo, Aline Augusta Rocha

R114g Gracejando das filhas de Eva : a mulher burguesa em  
anedotas oitocentistas / Aline Augusta Rocha Rabelo ;  
orientador Fábio Maza. – São Cristóvão, 2015.

105 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2015.

1. Mulheres – História – Séc. XIX. 2. Classe média. 3.  
Anedotas. 4. Estereótipos (Psicologia social). I. Habermas,  
Jurgen. II. Maza, Fábio, orient. II. Título.

CDU 930.85-055.2

**ALINE AUGUSTA ROCHA RABELO**

**GRACEJANDO DAS FILHAS DE EVA: A MULHER BURGUESA EM  
ANEDOTAS OITOCENTISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Cultura e Sociedade. Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza

---

Prof. Dr. Fábio Maza (Orientador)  
(UFS)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eugênia Andrade Vieira da Silva  
(UFS)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Maria Matos Antonio  
(UFS)

Para meu companheiro, Valter Rabelo

Aos meus pais (Nelson e Ana Maria) e meu irmão Allano.

*“Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção”*

*(Antoine de Saint-Exupéry)*

## **Agradecimentos**

Tenho fortes razões para agradecer a muitas pessoas cuja presença nesta pesquisa deram uma significativa contribuição tanto intelectual quanto afetiva para a elaboração e conclusão desta dissertação. Algumas já faziam parte de minha história e só vieram reafirmar o valor da amizade. Outras, tive a graça de conhecê-las em fases distintas de minha vida acadêmica.

Quero iniciar meus agradecimentos a minha família, principalmente nas pessoas de Nelson Faria Rocha (pai) e Ana Maria de Almeida Rocha (mãe). O amor de ambos e o cuidado foram essenciais para suportar os desafios e o cansaço da pesquisa.

Ao meu irmão Allano Rocha por todas as vezes que me ajudou nas aventuras na hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dórea – BPED, em busca pela coleta de dados.

Ao meu esposo José Valter Rabelo de Oliveira pelo amor, paciência e cumplicidade em cada fase da pesquisa. Sou muito feliz por te ter ao meu lado. Sem dúvidas, um grande companheiro e amigo.

Minha grande amiga e irmã Anselma, pelas palavras de incentivo e amor fraternal.

Ana Paula, você foi meu grande suporte. Obrigada pelas broncas, abraços e palavras de incentivo. Você acreditou mais em mim do que eu mesma. Foi minha grande chanceler em cada fase desta pesquisa.

Raquel, Edla, Kathleen (filha espiritual). Cada palavra, apoio e incentivo foram essenciais durante a trajetória desta pesquisa. Foram ouvintes nas horas de aflição, tendo sempre uma palavra de apoio e carinho.

A minha dinda Kathleen TÁCILA obrigada pelo carinho e apoio a coleta de dados na hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dórea– BPED.

A Talita, pela ajuda na formatação e normas deste trabalho. Sua alegria e simplicidade me cativaram muito.

Durante a trajetória desta pesquisa tive a honra de conhecer, numa Oficina de fontes históricas, o Prof. Dr. Francisco José Alves. Costumo dizer a todos que conheci um professor que verdadeiramente é um mestre na arte de ensinar. Na simplicidade consegue encantar seus alunos com aulas enriquecedoras para a vida. Seu apoio, paciência e amor a pesquisa foram fundamentais a conclusão deste trabalho. Farei valer a pena cada aprendizado.

Ao Colégio José Augusto Vieira, na pessoa do gestor Gilson Alves e das coordenadoras Terezinha e Leire. Obrigada pela compreensão e paciência durante toda fase

desta pesquisa. Aos colegas da labuta cotidiana, obrigada por sempre me substituírem em vários momentos que precisei faltar as aulas.

Dentro do Departamento de mestrado pude contar com o apoio e contribuição de alguns professores e colegas que dividiram comigo a árdua jornada de aulas, leituras e escrita.

Ao Prof. Dr. Jorge Carvalho pelas riquíssimas aulas sobre Pierre Bourdieu e sugestões para a pesquisa.

A Profª Drª Edna Maria pelos momentos de conversas e aprendizado.

Aos meus colegas Degenal, Carla, Priscila, Hildênia, Leonardo, Aquilino e Denise. Vocês tornaram leve o cansaço das aulas.

A Profª Drª Eugênia, pela acolhida sempre carinhosa ao Poder Judiciário. Obrigada pelas sugestões em minha banca de defesa.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para a conquista deste trabalho.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto a imagem da mulher burguesa brasileira oitocentista. Toma como base um conjunto de 46 anedotas publicadas em jornais de Aracaju entre 1889- 1897. Seu objetivo é classificar, examinar e interpretar estas imagens valendo-se dos conceitos de **estereótipo** (Marie Jahoda), **representação** (Roger Chartier), **dominação masculina**, **violência simbólica** (ambos de Pierre Bourdieu) **patriarcalismo** (Jean-François Dortier). O trabalho adota a metodologia da História Cultural proposta por Robert Darnton (1984). Os resultados da pesquisa são: as piadas sobre mulheres devem ser entendidas num contexto de contenda entre os gêneros; os autores das piadas combatiam os comportamentos públicos da mulher através do ridículo; as anedotas atualizam velhos estereótipos sobre a mulher, e devem ser entendidas num contexto em que a mulher burguesa sai de casa e os riscos de desvios são maiores. O riso contra a mulher, expresso nas anedotas, é uma manifestação da chamada “dominação masculina” e pode ser encarado como uma representação, pois tem origem grupal, e são armas de luta política entre os gêneros. Enfim, as piadas oitocentistas sobre a mulher expressam uma velha função do humor: castigar os costumes.

**Palavras-Chave:** Mulher burguesa, Século XIX, Anedota, Estereótipo e Representação.

## ABSTRACT

This thesis has as object the image of the nineteenth-century bourgeois woman. The research used as a primary source a set of 46 anecdotes published in Aracaju newspapers between 1889 – 1897. The goal is to sort, examine and interpret those images with regard to the concepts of *Stereotype* (Marie Jahoda), *Representation* (Roger Chartier), *Male Domination*, *Symbolic Violence* (both by Pierre Bourdieu) and *Patriarchalism* (Jean-François Dortier and Gilberto Freyre). This paper adopts the methodology of Cultural History proposed by Robert Darnton (1984). The results of the research are: the jokes about women should be understood in the context of contention between the genders; the authors of the jokes fought the public behaviors of women through the ridicule; anecdotes update old stereotypes about women, and should be understood in a context where the bourgeois woman leaves home and the risk of deviations are larger. The laughter against women, expressed in jokes, is a manifestation from the so-called "male domination" and can be regarded as a representation, for it has a group origin, and it's a weapon of political struggle between genders. Finally, the nineteenth-century anecdotes about women express an old function of the humor: punish the customs.

**Keywords:** Bourgeois Women, Nineteenth Century, Anecdotes, Stereotypes and Representation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1: AS MULHERES DAS ANEDOTAS .....	20
CAPÍTULO 2. FRÁGEIS, DESINTELIGENTES E PERIGOSAS: RETRATO DE MULHER .....	29
a) Mulher: um ser pouco inteligente.....	29
b) Mulher: sexo frágil/submisso.....	35
CAPÍTULO 3. ESPOSAS: TORMENTOS DOS MARIDOS .....	47
a) O matrimônio como tormento.....	47
b) O adultério feminino. ....	55
CAPÍTULO 4. SOGRAS: SUPLÍCIO DOS GENROS .....	60
CONCLUSÃO: CASTIGANDO OS COSTUMES .....	68
FONTES UTILIZADAS .....	71
IMPRESSAS:.....	71
a) JORNAIS .....	71
b) DICIONÁRIOS DE ÉPOCA.....	72
c) LITERATURA .....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXOS.....	78
1- ANEDOTAS COLETADAS .....	79
2- IMAGENS .....	102

## INTRODUÇÃO

“Uma anedota expressa uma época, uma fisionomia, um temperamento, como raros documentos conjugados”  
(CASCUDO, 2006, p.79)

Este trabalho tem como objeto de estudo imagens da mulher burguesa do século XIX no Brasil, retratadas em anedotas publicadas em jornais de Aracaju. A partir disso, pergunta de qual forma a mulher foi concebida pela sociedade burguesa oitocentista e, particularmente, indaga: de que modo o senso comum encarava a mulher, tanto casada quanto solteira, a sua personalidade e seu comportamento?

O objetivo geral deste estudo é examinar e interpretar as referidas imagens. Para isso, desdobrou-se em algumas tarefas específicas, como: levantamento, classificação e interpretação das piadas. Após este processo, é realizada a interpretação das imagens da mulher quanto a sua procedência, função contextual e significados. Nesta perspectiva, para cada capítulo, foram selecionadas anedotas, apresentadas as suas temáticas e, por fim, elas foram examinadas de acordo com cada estereótipo levantado.

Na abordagem dos dados foi utilizada a proposta metodológica de Robert Darnton (1986). Este autor recomenda que o pesquisador pense as fontes como um conjunto de indícios que nos revelam uma visão de mundo. Darnton recomenda que, em primeiro lugar, é preciso atentar para as áreas de opacidades do testemunho, para aquilo que é estranho inicialmente, pois são nas áreas mais opacas do documento que se encontram importantes significados.

Para o historiador, a dificuldade de se interpretar um provérbio, uma piada, um ritual ou poema é o primeiro indício de que o pesquisador encontrou algo importante. Somente “analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranhos” (DARNTON, 1986, p.14).

Apesar do que foi dito, tais objetos e objetivos desta pesquisa não faziam parte da minha proposta inicial. No início, tínhamos a ideia de examinar a imagem da mulher aracajuana oitocentista. Todavia, o contato inicial com alguns fatores nos fez mudar.

Em primeiro lugar, o contato com a matéria-prima da pesquisa, as anedotas. O exame prévio revelou a inexistência de um conteúdo local no material. Os temas de tais anedotas

eram mais abrangentes: inferioridade intelectual da mulher, fragilidade física e moral e o caráter adúltero e leviano da mulher.

Uma segunda razão foi a leitura da obra **Anedotas: Uma Contribuição para o Estudo**, de António Machado Guerreiro<sup>1</sup>. O autor nos mostrou que as anedotas não possuem uma rígida limitação geográfica, pois as historietas migram facilmente de um lugar para outro.

O terceiro motivo para a mudança foi a leitura do trabalho da historiadora Joana Maria Pedro (1997). A autora aborda anedotas sobre a mulher publicadas em quatro<sup>2</sup> jornais da cidade de Desterro<sup>3</sup>. Ela destaca que as mulheres retratadas nos gracejos expressam uma visão patriarcal. Neles, elas aparecem de forma submissa e pouco dotadas de inteligência. A historiadora destaca ainda que a grande preocupação das anedotas era apresentar contra modelos de mulher. Muitas piadas tratavam da infidelidade, astúcia e malícia feminina, mesma realidade encontrada nos jornais de Aracaju.

Por essa razão, suspeitamos que muitos dos gracejos publicados em Aracaju podem ter vindo das principais provinciais, especialmente, de jornais do Rio de Janeiro. A prática não era incomum nos jornais literários, como atestam alguns historiadores da imprensa do Brasil<sup>4</sup>.

Assim, passamos da mulher aracajuana para a mulher brasileira burguesa oitocentista.

A pesquisa usou como fonte primária um conjunto de 46 anedotas publicadas em quatro jornais de Aracaju entre 1889-1897<sup>5</sup>. A escolha dos quatro jornais foi motivada pelo fato de serem eles os que mais publicaram anedotas sobre a mulher, o que atendia ao nosso objetivo de examinar e interpretar a imagem da mulher oitocentista.

Os textos fazem parte da hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dórea – BPED. Os quatro jornais selecionados para se examinar as anedotas são de caráter literário,

---

<sup>1</sup> Ver: GUERREIRO, A. Machado. **Anedotas: Uma Contribuição para o Estudo (com cerca de dois mil espécimes)**. 10ª Edição. 1º Vol. Editora de Revista e Livros: Lisboa, 1996.

<sup>2</sup> Os quatro jornais utilizados pela historiadora Joana Maria Pedro para estudar a imagem das mulheres do sul: **República**, de 1891-1896; **O Exemplo**, de 1893; **Jornal do Comércio** de 1893-1894; **O Dia**, de 1902.

<sup>3</sup> Atual cidade de Florianópolis.

<sup>4</sup> O aumento significativo de periódicos voltados ao entretenimento foi em decorrência do aumento dos folhetins. O jornal disponibilizava um espaço no rodapé da terceira página para as publicações de anedotas, charadas e contos que percorriam todo o Brasil. Ver: MOREL, Marco; BARROS, Mariana M. de. **Palavra, Imagem e Poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>5</sup> As anedotas foram tiradas dos Jornais aracajuanos intitulados:

**O Paladino**, de Ildefonso Toletano de Araújo- 1889. Seu primeiro número traz a data de 13 de Outubro. A **Patrulha**, Propriedade de associação. Periódico crítico, literário e noticioso, 1890. **O Periquito**, de Rodrigues & Prado. Periódico literário, recreativo e noticioso, 1894. Não conhece bandeira de partidos, pois não tem filiação a nenhuma. **O Matinal**, de Rezende & Sant'Iago. Orgam literário, noticioso e recreativo. 1896-1897. Publicação bi-semanal. Apareceu em 26 de julho. Ver: TÔRRES, Acrísio. **Imprensa em Sergipe**. Vol 1. Brasília – DF, 1993. (NOTA: Não foi possível localizar quem foram estes proprietários).

recreativo e noticioso. A função deste tipo de periódicos (literário, recreativo e noticioso) era, além de informar sobre assuntos de relevância política e econômica do Brasil e de Sergipe, tornar público textos de romancistas, contistas e anedotistas.

Os jornais são de pequeno formato, compostos por quatro páginas de sete seções classificadas em: Expediente, Noticiários, Folhetim, Crônica da semana, Anúncios, Variedades e seção dedicada ao humor (quadrinhas, charadas, trocadinhos e anedotas).

Jornais noticiosos, literários e recreativos, como aqueles dos quais extraímos as anedotas que pretendemos examinar, não existiam somente em Sergipe. Um levantamento realizado nos catálogos da hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro identificou espalhados pelo Brasil, mais de 40 periódicos similares aos publicados em Aracaju. Em Sergipe, no acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dórea - BPED, há dezoito jornais desta mesma natureza, e a maioria destes foi editada na capital<sup>6</sup>.

Estes jornais participam de um momento da história da imprensa brasileira no qual, conforme Nelson Werneck Sodré, “imprensa e literatura se confundiam” (2011, p. 424). Sendo assim, tais periódicos exerciam uma dupla missão cultural, tornando acessível não só uma variedade de informações de cunho noticioso, como uma variedade de romances nacionais e outros produtos literários, como as anedotas.

Dessa forma, os jornais literários e recreativos tanto de Sergipe quanto do Brasil tinham uma função cultural. Segundo Nelson Werneck Sodré, esses veículos usavam seus espaços para a publicação de romances, poemas, poesias, charadas e anedotas.

Ao falar da relação entre imprensa e literatura, Sodré<sup>7</sup> nos mostra que a elite intelectual do Brasil oitocentista publicou muito em jornais. A chamada “geração da academia” brasileira, a exemplo de Machado de Assis, utilizou as seções dos jornais literários para publicar uma variedade de textos ligados ao mundo cultural, político e social do país, mas também tinha um espaço reservado ao riso, com as anedotas, quadrinhas e charadas. Os

---

<sup>6</sup> Em Sergipe ao longo do século XIX, do Império a República, foram editados: A Borboleta (1850-1859), de Aracaju; O Pharol (1870-1889), de Estância, O Rabudo (1870-1899), de Estância, O Guarany (1879- 1883), de Aracaju; O Neto do Diário (1880-1889), de Aracaju; Luz Matinal (1880-1889), de Aracaju; Jornal do Domingo (1880-1889), de Aracaju; O Clarim (1880-1889), de Maroim; A Gazetinha (1880-1889), de Estância; O Descrido (1880-1889), de Aracaju; O Espião (1880-1889), de Aracaju; O Caixeiro (1880-1889), de Aracaju; A Luz do século (1880-1889), de Aracaju; A Águia (1880-1889), de Aracaju; o Libertador (1880-1889), de Aracaju; São Francisco (1880-1889), de Própria; O Pharol (1880-1889), de Estância; O Riso (1897), de Aracaju. Ver: TORRÊS, Acrísio. **Imprensa em Sergipe**. Vol 1. Brasília – DF, 1993. Consultar também: Acervo da hemeroteca da BIBLIOTECA EPIFÂNIO DÓRIA. **Catálogo de periódicos sergipanos (1832-1999)**. S.d.t.

<sup>7</sup>Sobre Imprensa e Literatura ver: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Edição Comemorativa aos 100 anos de nascimento de Nelson Werneck Sodré. São Paulo: Intercon, 2011, p. 424-448.

homens das letras produziam tanto os textos críticos quanto os jocosos, estes empenhados em provocar boas risadas.

Na vida boêmia, diz um estudioso, “os literatos mostravam-se à vontade para fazer uso do humor para atacar a vida política local e nacional (...)” (PINHEIRO, 2010, p.484)<sup>8</sup>.

Antes de prosseguirmos, convém indagar: o que era uma anedota na semântica do século XIX?

Vejamos o que diz um dicionário oitocentista. *Anecdota*, diz o dicionarista Luiz Maria da S. Pinto (1832) é a “História de cousas que não se sabião, de segredo”. Outro dicionário oitocentista, escrito pelo padre D. Rafael Bluteau, dá a seguinte definição: “f.f. *hictoria, ou fuceffo, que eftava efcondido, não fabido, não publicado t. modern*”. Enfim, ambos os dicionários oitocentista apresentam a anedota como uma história secreta, não revelada que se manteve ocultada.

Contemporaneamente, dicionários correntes da língua portuguesa também fornecem conceitos para anedota. Vejamos o conceito fornecido por Antonio Houaiss: “Particularidade curiosa ou jocosa que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso, pouca divulgada, de uma determinada personagem ou passagem histórica” (2001, p.211). Já Francisco Borba diz que uma anedota pode ser definida como: “historieta de efeito cômico, com o objetivo de provocar o riso pelo caráter jocoso” (2002, p.83).

Para o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, o termo anedota significa “Um relato sucinto de um fato jocoso ou curioso” (1999, p.136). O gênero relata uma história particularmente engraçada que pode conter personagens históricos ou lendários.

Considerados o objeto, objetivos e a matéria-prima, vejamos agora instrumental analítico utilizado na abordagem.

Para o aporte dos dados, esta pesquisa se utilizou dos seguintes conceitos: estereótipo, representação, dominação masculina, violência simbólica e patriarcalismo.

Quanto a Estereótipo utilizaremos da definição da socióloga Marie Jahoda. Para a autora, estereótipos são “convicções preconcebidas acerca de classes de indivíduos ou objetos, resultantes não de uma estimativa espontânea de cada fenômeno, mas de hábitos de julgamento e expectativas tornando rotina” (1987, p.419). Assim, as representações sobre a mulher presentes nas anedotas serão compreendidas como manifestações grupais, resultante de uma estimativa negativa.

---

<sup>8</sup> Sobre a vida boêmia como estilo propício a produção de textos literários e anedóticos, ver: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Hileia das letras: periodismo e vida literária em Manaus**. In: Impressos no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros. (Org. Bragança e Aníbal). São Paulo: Editora Unesco, p. 473-487, 2010.

A historiadora Mônica Pimenta Velloso, por sua vez, define estereótipo como “elementos cognitivos e identitários capazes de organizar e produzir referenciais de autoconhecimento e de ação para os diferentes grupos sociais” (2011, p.369). Segundo a estudiosa, os estereótipos são forjados a partir de interesses culturais e sociais de uma determinada época. Ampliam ou limitam uma imagem real e, por isso, devem ser interpretados a partir da visão de mundo do contexto.

Neste trabalho, o estereótipo é uma junção de valores e significados construídos no cotidiano social do homem oitocentista que busca reafirmar sua dominação. Os estereótipos femininos presentes nas anedotas serão pensados como um conjunto de representações próprias do universo masculino, tendo em vista a manutenção do poder.

Quanto ao conceito de Representação, nos valeremos de Roger Chartier. Segundo o autor, Representação é toda e qualquer imagem social, fruto da visão de mundo de quem a produziu, pois “as representações são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (2002, p. 17). O conceito de Representação de Chartier é, como o próprio autor reconheceu, bastante devedor da sociologia de Pierre Bourdieu.

Na intelecção das fontes, também utilizaremos o conceito de Dominação Masculina. Para isso, faremos uso da definição do sociólogo Pierre Bourdieu (1999). Para ele, a dominação masculina consiste no poder simbólico dos homens sobre as mulheres. Este domínio, segundo o autor, não foi imposto, mas aceito tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Ou seja, foi concebido como natural.

Outro conceito utilizado na intelecção dos dados da pesquisa foi o de “Violência simbólica”, também forjado por Pierre Bourdieu. Conforme ele, a base da Violência Simbólica é a estrutura que a produz e a mantém. Nesta pesquisa, exercem este papel os discursos médicos, eclesiásticos, e literários, pois “o fundamento da violência simbólica reside nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que a produzem” (BOURDIEU, 1999, p. 54).

Semanticamente, próximo ao conceito de Dominação Masculina e Violência Simbólica, temos a noção de Patriarcalismo. Para Jean-François Dortier, “patriarcalismo significa a autoridade do paterfamilias” (2010, p.459). Isto é, um modelo de autoridade institucionalizado do homem, considerado como o chefe da família.

O trabalho situa-se na encruzilhada de duas tendências historiográficas: a História das Mulheres e a História do Humor.

Revisemos, então, alguns trabalhos relevantes nestes dois campos do saber. Inicialmente, destacamos os trabalhos no campo da história da mulher.

No Brasil, algumas pesquisas publicadas desde os anos de 1930 colocaram a mulher como objeto de estudo. Destacam-se no setor os trabalhos pioneiros de Gilberto Freyre, Maria Ângela D’Incao, Mary Del Priore, Mirian Moreira Leite, Joana Maria Pedro e June E. Hahner.

Gilberto Freyre (2003) é um dos precursores das pesquisas sobre gênero (embora ele não usasse essa categoria), tendo estudado sobre as distinções entre eles. O historiador possui um texto intitulado “A Mulher e o Homem”, na obra **Sobrados e Mucambos** (2003). Como foi o sistema semipatriarcal que criou o modelo ideal de mulher – submissa e frágil, ele autorizava o homem a fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Para isso, a sociedade patriarcal fez uso de teses médicas para justificar a ideia de a mulher ser mental e fisicamente inferior ao homem.

Maria Ângela D’Incao estuda as relações conjugais e familiares oitocentista. Isto é, os papéis femininos no contexto da família e do casamento. Para a estudiosa, a ascensão da classe burguesa redefiniu o papel feminino. A mulher passou a ter uma dupla funcionalidade: cuidar dos filhos e do marido, e saber comportar - se nos espaços públicos. D’Incao focaliza a relação amorosa entre casais burgueses na sua obra **Amor e Família no Brasil** (1989). A autora reúne uma coletânea de textos que discutem as mudanças pelas quais passaram as relações amorosas, tanto no casamento quanto nas famílias. Seus estudos contribuem para um aprofundamento da história social da família burguesa no Brasil.

Mary Del Priore destaca-se na historiográfica brasileira e estrangeira pelos seus trabalhos publicados sobre a mulher. A autora estudou várias facetas do mundo feminino. Seus temas envolvem o corpo da mulher, o amor conjugal, os papéis femininos na família, costumes e conquistas dos movimentos feministas. Ela é autora de diversas obras, das quais destacamos: **História das Mulheres no Brasil** (1997), **História do Cotidiano** (2001), **História do Amor no Brasil** (2005), **Histórias e Conversas de Mulher** (2013), entre outros. O ponto chave dos estudos de Mary Del Priore é entender os discursos sobre a mulher forjados tanto por homens, quanto por mulheres. Por trás desses discursos, a autora revela ser a religião, em especial o catolicismo, a principal propagadora da ordem machista no Brasil.

Para entender as permanências e rupturas nas representações da vida conjugal e familiar no Brasil oitocentista, destacam-se os trabalhos da antropóloga Mirian L. Moreira Leite. Os estudos fazem parte da militância do Projeto Mulher, da Fundação Carlos Chagas. A

**dupla documentação sobre mulheres em livros de viagens (1800-1850)**<sup>9</sup> foi seu trabalho pioneiro sobre as mulheres.

Miriam Leite estuda as nuances do amor romântico documentado em textos literários, fotografias e cartões-postais ao longo do século XIX. Leite considera a imagem como um sistema de códigos que raramente depende da legenda para ser entendida. A autora escreve “Representações do Amor e da Família”, publicado na obra **Amor e Família no Brasil** (1989), organizado por Maria Ângela D’Incao. Sua obra de maior destaque, **Retratos de família: leitura da fotografia histórica** (1981), é o resultado de uma reflexão de dez anos sobre as potencialidades e limitações da leitura da imagem, em particular sobre a fotografia histórica.

A historiadora Maria Joana Pedro destaca-se nos estudos sobre gênero na pesquisa histórica. Autora de **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe** (1998) discute os novos papéis femininos a partir da formação da elite de Desterro.

A pesquisa de Joana Pedro tem como principal objetivo estudar as representações da mulher da elite de Desterro, atual Florianópolis. Ao historicizar as imagens e estereótipos sobre a mulher, a autora concluiu que os retratos femininos foram forjados por uma elite masculina. Isto é, a imagem feminina atendia a visão masculina. Cabia à mulher seguir o ideal de boa mãe e esposa, garantindo, assim, a honra e felicidade de sua família. A imprensa local foi responsável por divulgar imagens femininas adequadas e inadequadas. Através de anedotas, poemas, trocadilhos e charadas, a classe masculina construiu a “nova” mulher que deveria transitar nos espaços públicos. E assim, diferenciava os comportamentos das mulheres honestas das desonestas.

E por fim, consideremos os trabalhos da historiadora June E. Hahner. Entre seus livros, destacam-se: **Emancipação do sexo feminino; Pobreza e política; A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas; A mulher no Brasil e Relações entre civis e militares no Brasil (1889-1898)**. A autora também publicou o artigo “Mulheres da Elite: Honra e Distinção das Famílias”.

A historiadora estadunidense estuda o tema família, sobretudo a mulher da elite. Ela é pioneira no trabalho com textos da imprensa dirigida por mulheres e voltada para um público feminino. Seus principais trabalhos versam sobre a educação feminina e o papel da mulher na

---

<sup>9</sup> Neste artigo, Miriam Leite apresenta cinco relatos distintos de mulheres europeias que estiveram no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Essas mulheres, três francesas, uma inglesa e outra austríaca de classes distintas deixaram valiosos testemunhos sobre sua própria condição feminina, como também as experiências por elas observadas sobre as mulheres brasileiras.

família e na sociedade. Durante a década de 1970, veio ao Brasil e catalogou uma vasta documentação sobre as mulheres da elite oitocentista.

June Hahner utiliza relatos de viajantes para discordar da imagem e estereótipo das mulheres da elite. Para autora, a representação da mulher patriarcal como um ser ocioso, frágil e indolente não condiz com a realidade. A visão da mulher da elite foi construída e sustentada para distinguir as mulheres honradas das desonradas. A honra das senhoras de elite era baseada em sinais de pureza e recato que, por sua vez, permanecia ligada à honra familiar e à hierarquia social.

Hahner acentua que muitas senhoras desempenhavam papéis ativos nos lares e na sociedade. Mesmo chefiadas pelos maridos, havia aquelas que cuidavam da administração do lar e de pequenas transações econômicas, sair de casa, é claro. Durante as últimas décadas do século XIX, houve uma evolução dos costumes. Muitas mulheres passaram por um processo de letramento e refinamento cultural aos moldes europeus. Gradativamente, foram conquistando o direito de influenciar nos assuntos culturais, econômicos e políticos da sua família.

A História do Humor, por sua vez, também constituiu um campo historiográfico relevante. Neste campo, destacamos no plano internacional os trabalhos de Jan Bremmer, Herman Roodenburg, Peter Burke, Jacques Le Goff e Derek Brewer.

Para Bremmer e Herman, o humor deve ser entendido como uma chave de compreensão da realidade sociocultural. Isto é, o humor é uma importante fonte para estudar fenômenos culturais, religiosos e sociais ao longo da história de uma civilização.

Bremmer estudou as metamorfoses sofridas pelas piadas desde a Antiguidade até a Idade Média. Da cultura grega, destacou o estudo da relação entre os bufões (bobos da corte) com as temáticas de suas piadas. Segundo o autor, os bufões deveriam demonstrar habilidades ao contar piadas para agradar uma elite, em troca de alimentos. O fato de agradar os ouvintes possibilitou aos bufões serem convidados de honra de outras cortes fora do território grego. A necessidade de aprazer seus ouvintes fomentou o interesse na confecção de livros de piadas<sup>10</sup>.

Há ainda outros trabalhos no campo da história do humor. Revisemos, então, o trabalho do historiador Peter Burke. De acordo com ele, o estudo do humor possibilita entender as continuidades e rupturas que condicionam uma sociedade a rir. Entender do que ou de quem se ria nas sociedades ao longo do tempo é algo complexo, já que “o que faz uma

---

<sup>10</sup> O autor destaca um manuscrito, posterior ao século X, chamado *Filógenos* (Amantes do Riso) que reúne uma coleção de 265 piadas.

geração rir tem pouco efeito sobre a seguinte” (BURKE, 2000, p.94). Mas, garante o autor, a insistência em olhar a opacidade de uma piada nos leva a descobrir outras visões de mundo.

Outro autor importante na história do humor é Jacques Le Goff. Para o pesquisador, quando escolhemos estudar o campo do humor, é preciso pensar no papel do riso ao longo da história. Pois, afirma ele, “o riso é um fenômeno cultural” (2000, p.65).

Ao estudá-lo na sociedade medieval, Le Goff nota que mesmo sendo o riso reprimido pela Igreja católica, continuava sendo praticado pelas diversas classes sociais, inclusive por representantes da igreja. O autor concluiu que o riso conseguia escapar a repressão ideológica do cristianismo. Dessa forma, identificar e compreender do que ou de quem se ria uma sociedade em épocas remotas passa a ser uma porta de entrada para compreender códigos culturais.

Por fim, Derek Brewer, que estudou piadas produzidas na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII, acredita que uma piada possui uma dupla função: promover o riso e a aproximação entre os grupos. Saber do que se ria e como ria um determinado grupo de leitores dos jornais é um caminho para entender uma sociedade. Brewer cataloga diversas obras sobre humor e nelas constata a publicação de várias piadas.

No campo da História do humor no Brasil, há os estudos de José Rivair Macedo, Elias Thomé Saliba, Marcos Antonio da Silva e Mirian Goldenberg. Pontuemos as especificidades dos autores elencados.

Rivair Macedo estuda, através do personagem Pedro Malasartes, as apropriações e transmissão da cultura cômica no Brasil. Analisando a trajetória de seu personagem, Macedo identifica as manifestações de risibilidade presentes nas tradições populares do Brasil oitocentista.

Elias Saliba, por sua vez, examina o humor produzido pela imprensa brasileira durante a *Belle Époque*. O autor mostra como o humor invadiu o espaço social e cultural do brasileiro a partir da publicação de paródias, charges, caricaturas e anedotas. O Brasil vivia a transição do sistema monárquico para o republicano, então, para Saliba, o humor que tomou corpo no Brasil na época decorria de novos significados experimentados com a “desilusão republicana”.

Marcos Silva, no campo da História do humor, tem como destaque o estudo do personagem caracterizado como "**O Amigo da Onça**", criação do cartunista Péricles Maranhão (1943-1962). O autor contextualiza o personagem, ligando-o aos estereótipos do imaginário popular da época.

Por fim, a antropóloga Mirian Goldenberg avalia a importância da risada na cultura brasileira. A autora adota a ideia do filósofo Henri Bergson (1899) ao afirmar que o riso é um fenômeno social. E completa, ao defender que o riso não tem só uma função social, mas também cultural. No Brasil, um país marcado por um conjunto de costumes, hábitos e tradições, o riso é polifuncional. Ou seja, ele é como um comportamento cultural que ajuda a pensar as diferenças de gênero e classe social. Segundo a antropóloga, existe algo distinto na cultura da risada brasileira. Homens e mulheres, pobres e ricos se diferenciam nos propósitos e nos lugares nos quais é praticado o riso.

Na realização da pesquisa, tomou-se como parâmetro teórico os procedimentos da História Cultural que ao conceber, através das mudanças epistemológicas e metodológicas, um novo olhar sobre os vestígios do passado, tornou possível pensar as anedotas como uma fonte de pesquisa.

Este estudo desdobra-se em 4 capítulos. O primeiro deles indaga quem são essas personagens femininas retratadas nas anedotas. Ou seja, qual é o grupo social das retratadas?

O segundo capítulo analisa como a mulher foi retratada nos gracejos. Focaliza a representação feminina como: de pouca inteligência; astuta/sagaz e como sexo frágil. Buscamos relacionar os estereótipos com os fenômenos socioculturais da época. Isto é, utiliza-se do discurso médico, do literário e do religioso para justificar a imagem “gracejada” da mulher.

As relações matrimoniais é o tema do terceiro capítulo. O procedimento mantém-se o mesmo do primeiro: a imagem da mulher casada foi examinada a partir dos fenômenos socioculturais. Procuramos mostrar que os estereótipos da mulher decorriam de uma visão masculina controladora dos comportamentos vistos como adequados e inadequados para uma mulher casada.

O quarto capítulo foca uma terceira personagem feminina: a sogra. Nas piadas, a sogra é estereotipada como um fardo/tormento na vida dos genros. Para entender tal imagem, fazemos a seguinte indagação: Por que sogras e genros vivem uma relação de hostilidade?

## CAPÍTULO 1. AS MULHERES DAS ANEDOTAS

“Já estavam reunidos os convidados: Lúcia, três belas mulheres que eu conhecia de vista, e um senhor de cabelos e barbas brancas, vestido com esmero extremo, mas com alguma excentricidade inglesa; um desses velhos ainda verdes que se esforçam em reconstruir sobre os últimos rescaldos de fogos extintos, com o auxílio de um empertigamento cômico, uma atividade elástica e um fátuo repertório de anedotas galantes, a mocidade fictícia que só a eles próprios ilude” (ALENCAR, 2005, p.20).

Antes de analisarmos o modo como a mulher comparece nas anedotas, é necessário considerar quem são elas. Vejamos o que as próprias piadas revelam sobre as personagens, considerando o que elas fazem e possuem.

Nas anedotas, aparecem predicados referentes a um tipo específico de mulher. São mulheres que além de ler e escrever, participam de reuniões sociais, cuidam da aparência, andam de bonde, frequentam o teatro, sabem dançar e cantar, frequentam os ritos da igreja, possuem preceptores e têm acesso domiciliar aos serviços médicos.

Examinemos mais de perto esses traços, começando pela leitura e escrita.

Nas estórias, é possível identificar que as mulheres gracejadas conheciam o mundo da leitura, ou seja, eram alfabetizadas. Cabe-nos indagar: quem são estas mulheres que, no Brasil oitocentista, sabiam ler e escrever?

Para responder, recorremos mais uma vez a Gilberto Freyre (2004). Estudando o processo de urbanização da capital do Rio de Janeiro, o autor pontua o crescimento de escolas voltadas para moças da elite. Dentre as formalidades exigidas às mulheres, havia a de serem “finas”, “capazes de ler um Bourget<sup>11</sup> ou um Loti, mas que de modo algum se extremassem em bacharelas” (FREYRE, 2004, p.177). O acesso à leitura de romances trazia distinção social. Mulheres distintas deveriam ler e escrever.

A partir da década de 1870, o Brasil e, especialmente, o Rio de Janeiro viveu um significativo aumento no número de escolas femininas. Cada vez mais a imprensa chamava a atenção para a importância da educação das “novas” mulheres cidadinas. Agora as casas, os hábitos sociais, as convivências e os lazeres passaram por um processo de refinamento que exigiam o domínio da leitura e da escrita por parte da mulher. Para exercer bem seu papel de

---

<sup>11</sup> Paul Bourget foi um importante romancista e crítico da literatura francesa.

anfitriã do marido, era necessário ter uma educação refinada. Saber ler e escrever trazia desenvoltura para uma boa conversação.

Urquiza Maria Borges (1995) observou que no Brasil houve um esforço por parte da burguesia de se diferenciar das classes populares. As mulheres da elite precisavam distinguir-se das mulheres pobres. E, sem dúvidas, o domínio da leitura e escrita se incluía neste rol.

Neste novo ambiente, a mulheres da elite careciam de educação. A necessidade de prepará-las para a modernização que estava por vir era uma prioridade. Delas dependiam a higienização das famílias e a educação dos futuros cidadãos. O domínio da leitura e da escrita era indispensável.

As mulheres que fluíam da leitura eram mulheres pertencentes a famílias ricas. O livro, no período estudado, além de ser caro, era algo que conotava prestígio social. É preciso levar em conta que a maioria das mulheres, mesmo da elite, eram analfabetas. O acesso à leitura indicava status.

Guacira Lopes Louro (1997) destaca alguns predicativos necessários às mulheres da elite na época. Elas deveriam impressionar, dentre outras coisas, pelo domínio de leituras adequadas a seu gênero e condição social.

O acesso a educação por mulheres no século XIX era restrito. Fúlvia Rosemberg (2013), estudando o tema, diz que mais da metade das mulheres não era alfabetizada. A autora apresenta e examina os resultados do primeiro recenseamento no Brasil (1872). Da década de 1870 até 1890, o índice de analfabetismo feminino era, segundo a autora, em vários pontos percentuais, maiores que a dos homens. Mulheres leitoras e escritoras, no contexto daquela época, era uma minoria.

As mulheres da elite urbana eram compostas por moças e senhoras elegantes, conhecedoras do seu papel social e, principalmente, por mulheres que sabiam ler e escrever. Gilberto Freyre (2004) reúne vários depoimentos de senhoras da elite oitocentista. Neles, há alusão a leituras.

Vejamos o depoimento de D. Ângela Correia de Melo, que “(...) nascida em 1875 no Rio Grande do Sul, informa ter, quando menina, em Santana do Livramento, aprendido de cor, **Os Lusíada**” (FREYRE, 2004, p.497). Revela também ter lido **As farpas**, de Ramalho Ortigão. No depoimento, D. Ângela revela a leitura como algo constante em sua vida<sup>12</sup>. A depoente revela, porém, que suas leituras foram feitas sem sistema e método. Um ponto que

---

<sup>12</sup> Dentre as leituras de Da. Ângela temos os seguintes autores: Jorge Ohnet, Taunay, Machado de Assis, Alexandre Dumas Filho e Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail. Os poetas Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Victor Hugo e D'Annunzio.

nos chama atenção em seu depoimento é menção aos livros de Júlio Verne. Sobre este, ela comenta que realizou a leitura de toda a sua obra.

Além da gaúcha D. Ângela Correia, Gilberto Freyre recolheu o depoimento de outras mulheres da elite que tiveram a leitura como recreação cotidiana. Observemos outro depoimento, desta vez de D. Henriqueta Galeno, nascida no Ceará, que diz ter lido **Robinson Crusoé, Iracema, e Cabana do Pai Tomás** (2004, p.502). Ao longo do depoimento, D. Henriqueta também revela que obras francesas faziam parte do seu rol de leitura. E estas, ela confessa, eram as suas preferidas.

Outra depoente destacada por Gilberto Freyre é D. Maria Tomásia Ferreira Cascão, nascida em 1875. Como a gaúcha Da. Ângela Correa, ela tem predileção pelas obras de Júlio Verne.

Outro depoimento é o de D. Teodora dos Santos, nascida em 1878. Sobre esta, Gilberto Freyre comenta que além de ter lido os livros de Felisberto de Carvalho, ela gostava “(...) tanto dos romances de José Alencar quanto das poesias de Casimiro” (2004, p. 499).

As mulheres pesquisadas por Freyre faziam da leitura um ato necessário para conquistar um “bom partido”. Estas mulheres sabiam que um bom consorte procurava uma esposa que possuísse refinamento e boa educação. Na época, uma mulher capaz de ler era sinônimo de classe social privilegiada.

Este perfil de mulher leitora é visível nos romances de José de Alencar. Destacamos a seguir duas obras do escritor. Em **Lucíola**, publicado em 1862, a personagem Lúcia demonstrar ser uma mulher que teve acesso à educação desde cedo e tem um comportamento refinado. O narrador comenta: “Lúcia conservava de tempos passados o hábito da leitura e do estudo; raro era o dia em que não se distraía uma hora pelo menos com o primeiro livro que lhe caía nas mãos” (ALENCAR, 1994, p.48).

Outro romance de José de Alencar que apresenta a leitura no cotidiano das mulheres é **Diva** (1864). Na obra, Emília, uma jovem rica e mimada pelo pai, tem o hábito da leitura. Destacamos o trecho em que o personagem Dr. Augusto reencontra Emília, depois de dois anos sem vê-la: “Estava só (...), tinha na mão um livro aberto e lia com atenção.” (ALENCAR, 1994, p.6).

Outro traço das mulheres retratadas nas anedotas é o cuidado com a aparência.

A chegada da moda europeia nas principais cidades do Brasil, durante a segunda metade do século XIX, gerou aversão à moda tradicional. Agora, “estar na moda” fazia parte dos planos das damas da elite. Segundo Freyre (2003), foi adotada a moda francesa. A

imprensa divulgava os artigos de beleza vindos da Europa, os quais fizeram a cabeça de muitas mulheres da alta sociedade. As lojas, então, eram invadidas por produtos de beleza como cabelos postiços, maquiagem, perfumes, tinturas e espartilhos que revolucionaram a autoestima das mulheres. Elas se submetiam a comprimir a cintura em coletes estreitos para terem uma silhueta igual a das mulheres europeias, sobretudo as francesas.

A boa esposa ou as mulheres mais jovens usavam e abusavam de joias e vestimentas. Os trajes das senhoras da elite eram repletos de ornamentos exagerados. Tudo isso tinha como objetivo impressionar a sociedade e diferenciar-se das mulheres de classe popular.

A boa aparência corporal era algo valorizado por mulheres que desejavam seguir as tendências da moda parisiense. Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2013) afirma que a vaidade naquela época chegava aos extremos, e as mulheres não poupavam gastos com produtos de beleza. As lojas das capitais provinciais exibiam o que havia de mais luxuoso e elegante da moda francesa. Madames da alta classe disputavam a atenção dos modistas e cabeleireiros estrangeiros.

A preocupação da mulher da elite em estar bela ligava-se à boa imagem dela e de seu esposo. Jeffrey Needell (1993) mostra que as mulheres da alta sociedade exibiam joias e vestimentas desenhadas por modistas franceses e ingleses ou, na falta deles, pelos nacionais. Para participar dos eventos era preciso garantir o penteado, a vestimenta e as joias adequadas. Ser elogiada trazia honra ao seu esposo. A boa aparência da mulher era uma espécie de signo do status do homem. Ele detinha o poder, mas dependia da imagem da esposa. A elegância e a beleza do cônjuge eram fatores que favoreciam a boa imagem do homem casado.

Outro aspecto retirado das anedotas são as mulheres que andavam de bonde. Este foi um meio de transporte muito importante nas cidades brasileira na segunda metade do século XIX. Jeffrey Needell (1993) diz que o bonde foi um importante símbolo da modernidade e civilidade no Brasil. Este meio de transporte, segundo o autor, exercia múltiplas funções.

Primeiramente, era um meio de locomoção. O veículo possibilitou o deslocamento de homens e mulheres para trafegarem nos bairros residenciais da burguesia. Ou seja, o bonde facilitou a chegada das mulheres aos centros comerciais para fazerem compras. O bonde representou uma importante ponte que ligava a cultura europeia ao Brasil.

O bonde também serviu para demarcar diferenças sociais. Como símbolo de luxo, foi cobiçado pelo público feminino, o qual viu nesse transporte uma possibilidade de demonstração de requinte e sofisticação. Nos bondes era possível compartilhar boa música e estar por dentro das tendências europeias.

A frequente ida ao teatro era outro traço das mulheres nas anedotas.

A sociedade brasileira, desde o Império até a República, foi fortemente embalada pelas apresentações musicais e teatrais. Segundo Gilberto Freyre (2004), o teatro seduzia a mulher da alta sociedade mais do que a missa.

A ópera era outra predileção. Algumas das mais famosas eram: “Cavalaria Rusticana, Cármen, Gioconda, Rigoletto, Traviata, Trovador, O Guarani, Viúva alegre e a Princesa dos dólares” (FREYRE, 2004, p.320).

Em relação aos concertos, é preciso levar em consideração não só a boa música presente neles. A mulher da elite participava destes eventos não somente por lazer, mas para se distinguir socialmente. Destacamos os depoimentos coletados por Gilberto Freyre sobre a presença de madames em óperas e bailes: “D. Maria Vicentina de Azevedo Pereira de Queirós, nascida em São Paulo, em 1868, foi quando moça apreciadora de música de ópera e de opereta” (2004, p.324).

Segundo Freyre, ela não só participava dos concertos, mas fazia questão de estar em festas onde se tocava música popular. Destaca-se a quadrilha, polcas, lanceiros, entre outros. D. Maria ressaltou que, além de ópera, sempre gostou de ouvir modinhas.

A música e a dança faziam parte dos predicativos necessários a uma moça de elite. Os bailes atraíam tanto senhoras solteiras como casadas. Needell (1993) destaca o depoimento de um viajante inglês que, passando pelo Rio de Janeiro, presenciou damas da corte envolvidas com música e dança em eventos fechados. O viajante pontua que, nestas festas, as mulheres aproveitavam para exibir seus talentos musicais e sua aptidão para danças. Vejamos: “Durante a música, somente as damas eram admitidas no salão que abrigava o piano, e os homens permaneciam no saguão e contemplavam o *fruit défendu* (...). As quadrilhas eram dançadas em um tapete *Aubusson*, no salão oposto (...)” (1993, p.160).

As descrições da época costumam ressaltar como predicativos da mulher de elite a educação e a elegância dos seus vestuários. E, é claro, não podia faltar entre esses atrativos o “bom gosto” por música ou a ida a espetáculos teatrais.

A prática de reunir pessoas ao redor do piano para dar suporte vocal à filha que tocava era a diversão preferida da classe burguesa. As reuniões e saraus serviam não só para entreter, mas para estabelecer novos laços matrimoniais. A demonstração de dotes musicais das mulheres garantia não só o prestígio delas, mas também a boa imagem de sua família.

O ato de frequentar os sacramentos da Igreja Católica era outra “virtude” típica das mulheres da elite. Uma boa moça deveria almejar o matrimônio religioso, não faltar missas

aos domingos e dias santos, como também buscar a confissão. Gilberto Freyre enfatiza que a boa esposa deveria ser temente a Deus.

O autor destaca os predicados de uma senhora ainda patriarcal, mas já transitando para uma vida burguesa. Vejamos um trecho do depoimento: “Da. Manuela de Castro, mulher do Barão de Goiana. Muito boa, muito generosa, muito devota, mas só se sentindo feliz entre os parentes, os santos de seu oratório (...)” (2003, p.229). Vê-se o quanto a devoção aos santos, a participação nas missas e nas práticas do sacramento da confissão faziam parte do rol de predicativos esperados de uma boa esposa naquele meio social.

O acesso a preceptores é outro traço das mulheres que figuram as anedotas. Ao longo do século XIX, a elite brasileira educou seus filhos em casa, sob os cuidados de preceptores nacionais ou estrangeiros. Esses mestres ou mestras moravam nas residências das famílias de alto padrão econômico. Os preceptores eram responsáveis pelo ensino do francês e o domínio da leitura das moças de famílias ricas.

Por fim, as personagens das nossas anedotas são mulheres que têm acesso domiciliar aos serviços médicos. A figura do médico das famílias no cotidiano da vida privada de algumas mulheres é um fato muito importante. E são estes médicos que aparecem nas anedotas.

Gilberto Freyre (2003) mostra o importante papel exercido pelo médico sobre as famílias dos sobrados brasileiros na segunda metade do século XIX. Foi este profissional que exerceu influência considerável sobre a mulher (2003, p. 237). O aburguesamento das famílias trouxe uma valorização do papel do referido profissional.

A presença do médico na família, afirma Jurandir Costa (1979), já acontecia no patriarcado rural. Todavia, evoluiu para o patriarcado urbano. O autor pontua que não foram todas as mulheres que tinham acesso aos cuidados dos discípulos de Hipócrates. Ter acesso ao médico era um privilégio quase que exclusivo das mulheres abastadas.

Com o passar do tempo, assiste-se a um processo de franca medicalização das famílias burguesas. À mulher da elite atribui-se um papel de destaque e o médico era o grande auxiliar no exercício desse novo papel. Ainda conforme Freyre (2003), o médico tomou o lugar do padre na direção das famílias.

As mulheres nas anedotas possuem ainda outro item característico: o toucador. Este tinha duplo significado no período oitocentista. Primeiramente, designava a cômoda com espelho que servia para a mulher pentear-se, pintar-se, vestir-se, ou pôr a touca. Por extensão, o toucador também denominava o quarto ou gabinete onde se instalava o móvel. Vê-se, pelas

suas características, que se trata de um item ligado às mulheres das camadas superiores. Um símbolo de vaidade e classe, o toucador era presença universal nas casas burguesas. Os romances de época documentam a presença deste item. Os exemplos são muitos.

Começamos pelo romance **Senhora**, de José de Alencar (1875). Em diversos trechos, há referências ao toucador como mobiliário de luxo e vaidade de mulheres ricas. No primeiro trecho, Fernando Seixas, esposo da personagem Aurélia, vai até o toucador dela. Neste caso, este é descrito pelo narrador como um espaço da casa restrito à vaidade feminina e, principalmente, um local privado da mulher. “Seixas aproximou-se do toucador, (...) e entrou a contemplar minuciosamente os objetos colocados em cima da mesa de mármore; (...) joias do mais apurado gosto” (ALENCAR, 2004, p. 241). O romance também registra o tocador como um quarto, como nesta passagem: “Quando vi que tinha desmaiado, tomei-a nos braços e trouxe-a para (...) seu toucador.” (ALENCAR, 2004, p.223).

O toucador também aparece em **Lucíola** (1862). Em diversos trechos da obra, o item figura como local reservado para o descanso e o cuidado da vaidade. Na obra, o toucador é espaço da privacidade feminina. “Enquanto ela vestia-se no toucador, recostei-me no sofá e descontei quase uma hora do sono perdido na véspera” (ALENCAR, 1994, p.39). Na sequência temos outra menção: “[Lúcia] saiu arrebatadamente e fechou-se no toucador” (ALENCAR, 1994, p.55).

A presença do toucador também ocorre no romance machadiano. Desataquemos **Helena** (1876): “Eugênia desfiou uma historiazinha de toucador (...)” (ALENCAR, 1994, p.20). Aqui, vemos o toucador ser sinalizado como um espaço restrito às conversas íntimas das mulheres.

Gilberto Freyre (2003) referencia o tocador como um símbolo de modernidade e luxo o qual as mulheres da elite experimentaram<sup>13</sup>. Para o autor, a mulher patriarcal, antes restrita à alcova da casa, conquistou na cidade a vida mundana. A alcova foi sendo substituída pelo toucador. A mulher da elite viu-se condicionada a participar de vários eventos públicos, como teatro e bailes. De acordo com mestre de Apipucos, as mulheres, antes de cada evento, dedicavam horas no toucador.

---

<sup>13</sup> “Essa dona de casa ortodoxamente patriarcal, o padre Lopes Gama não se conformava que, nos princípios de século XIX, estivesse sendo substituída nos sobrados e até em algumas casas-grandes de engenho, por um tipo menos servil, mais mundano; acordando tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile; lendo romance; olhando a rua da janela ou da varanda; levando duas horas no toucador a preparar a charola da cabeça; outras tantas horas no piano, estudando a lição de música; e ainda outras, na lição de francês ou na de dança”. (FREYRE, 2003, p.226).

Outro traço das mulheres nas anedotas é o dote. E, mais uma vez, a literatura resgata este costume de época, como no romance **Senhora**, de José de Alencar, cujo enredo está centrado nisto, pois a personagem principal, Aurélia, escolhe o seu futuro esposo mediante um dote.

O casamento dotal foi uma prática comum durante o Império brasileiro, mas não desapareceu nos primeiros anos da república. Na obra, podemos perceber essa prática de matrimônio em diversos trechos. Abaixo, destacamos alguns deles.

Um ponto chave da obra se dá quando a personagem Aurélia escolhe seu futuro marido pela oferta do dote. “A família da tal moça misteriosa deseja casá-la com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Se não bastarem cem e ele exigir mais, será o dote de duzentos”. (ALENCAR, 2004, p. 11).

Temos também a passagem que remete à aceitação do dote por Fernando Seixas: “Quanto ao dote, depois de realizado o casamento, este sim, garanto”. (ALENCAR, 2004, p.23). E, por fim, destacamos um trecho em que o pai de Fernando Seixas revela seu desejo de vê-lo casar com uma mulher que tivesse um bom dote: “Era a filha de um rico fazendeiro da vizinhança. Tinha ela completado os quinze anos; antes que a notícia deste dote sedutor chegasse à Corte, tratou o velho Camargo de arranjá-lo para o filho”. (ALENCAR, 2004, p. 91).

No romance **Diva** (1864), também de José de Alencar, temos outros exemplos. Na obra, a personagem Emília, uma jovem rica da sociedade fluminense, desde menina era apaixonada pelo Dr. Augusto Amaral. O enredo apresenta a importância do dote para selar o casamento entre os personagens. Vejamos o seguinte trecho: “Interesso-me, dizia eu, por uma criança desvalida que perdeu os pais... Espero obter a sua entrada no recolhimento das órfãs, e desejava nessa mesma ocasião fazer-lhe um pequeno dote”. (ALENCAR, 1994, p.19).

O dote de Emília, ofertado pelo seu pai ao jovem médico Dr. Augusto, leva-nos a pensar nas funções do dote: garantir o casamento de jovens casadoiras e estimular a cobiça de jovens caça dotes.

Um rapaz considerado bom partido estava disposto a unir-se a mulheres de posses, mesmo sem amá-las. No romance **Diva**, o jovem médico Augusto Amaral deixa escapar seu interesse financeiro numa união com Emília. Sendo ela filha de um rico comerciante, um viúvo possuidor de um grande patrimônio, seria essa uma grande oportunidade de ascensão financeira. Diz o futuro marido: “Então D. Emília terá um milhão de dote!” (ALENCAR, 1994, p. 46).

Por isso, Maria D'Incao afirma que “o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção de status” (1997, p. 229).

Tanto **Senhora** quanto **Diva** mostram o dote como algo restrito às mulheres de posses. De acordo com a historiadora Muriel Nazzari (2001), o costume de dotar as filhas com gados, terras e escravos era um costume restrito à elite patriarcal e semipatriarcal. Mulheres de classe baixa não tinham o que ofertar ao consorte. Sendo assim, mulheres sem recursos não praticavam o sacramento do matrimônio. Até as últimas décadas do século XIX, o casamento era para as que possuíssem bens, não para mulheres pobres. A oferta do dote garantia a segurança da jovem fazer um bom casamento.

Segundo Mary Del Priore (2013), para uma mulher conquistar prestígio social, era necessário estar casada. Todavia, somente através do dote ela conseguia levar um “bom partido” para o altar. Para as moças pobres, segunda a autora, despossuídas de um dote, o sonho do casamento era algo muito distante, restando a essas o concubinato ou uniões ilícitas pela igreja Católica.

Mulheres de famílias ricas eram potenciais candidatas a esposas no mercado de transações matrimoniais da época. Para a burguesia, os casamentos eram formas de estreitamento das relações de poder entre as famílias. Os laços matrimoniais conferiam prestígio, garantiam apoio político, econômico e reforçavam a posição social.

Caracterizadas as personagens das anedotas, vejamos, nos próximos capítulos, como elas são retratadas nos enredos das piadas.

## CAPÍTULO 2. FRÁGEIS, DESINTELIGENTES E PERIGOSAS: RETRATO DE MULHER

“Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça” (ASSIS, 1994, p.4).

Este capítulo mostra como a mulher é apresentada nas anedotas. Ou seja, de que modo as piadas evidenciam a mulher, tanto casada quanto solteira, com relação a sua personalidade e comportamento.

As mulheres tematizadas nas seções de humor dos jornais são apresentadas como: seres de pouca inteligência; frágeis; e submissas. Examinemos cada um destes estereótipos.

### a) **Mulher: um ser pouco inteligente**<sup>14</sup>

A mulher, de acordo com o que é mostrado numa parcela das anedotas, é um ser de inteligência limitada.

Observemos:

Um rapaz, vendo que sua senhora lia com muita atenção a última página de um dicionário de Constâncio, perguntou-lhe: - Que está a senhora procurando tão aplicada! – Estou vendo se acho aqui o indês das palavras que contém este dicionário<sup>15</sup>.

A anedota mostra o esposo impressionado com o afinco da esposa ao procurar as palavras no Dicionário. Curioso, decide perguntar o que ela estaria procurando. A resposta dela rompe com a sua expectativa, revelando uma total ignorância quanto ao uso do glossário.

O estereótipo da mulher de raso intelecto comparece em muitas outras anedotas. Consideremos uma delas.

---

<sup>14</sup> Não só jornais de Aracaju, mas os de outras cidades e estados, encontram-se anedotas que apresentam um padrão feminino. Trazemos, como exemplo, uma publicada pelo Jornal do Comércio (1886), intitulada “Mulher Boa”.

“A mulher boa, meiga, mas ignorante, pode – ainda assim – tornar o lar doméstico um asilo casto, uma enseada tranquila. A mulher doce, carinhosa, mas instruída, de talento, com a dupla imaterial do amor e da inteligência a flamejar lhe no coração e no cérebro, essa tornará o recito da família prestigioso como um templo invencível como as mais roqueiras cidadelas.” Ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul**. In: História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org). 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.286.

<sup>15</sup> **O MATINAL**. Aracaju, n. 23, 04 de janeiro de 1897, p.3.

Estando de visita uma senhora toda espivitada em casa de uma amiga, onde também se achavam outras pessoas de fóra, veio o café algum tanto forte, e aquella não o quis tomar. A dona da casa insistio, e ella respondeu: - Está muito forte; o café para mim há de ser uma simples sujidade<sup>16</sup>.

Esta historieta mostra uma mulher de pouco domínio do vocabulário, que não sabe o significado da palavra sujidade. Noutra pilhéria, mais uma vez, o enredo focaliza a mulher fazendo pouco uso da inteligência. Observemos: “No toucador:- Que cabelos prefere hoje a senhora? – Os mais negros. Vou fazer uma visita de luto pesado”<sup>17</sup>.

Neste caso, manifesta-se a pouca inteligência da mulher quanto ao uso das regras sociais do luto.

Por fim, consideremos outro caso que reforça a imagem da mulher apoucada. Vejamos o gracejo:

Certa senhora tida em grande conta, achando-se em uma sociedade, disse – Morreu fuão por seu testamenteiro a fuão. Rirão-se os circumstantes, em Coimbra, onde se aprende a falar assim se chama dou testemunha meu mano que é bacharello em lezes<sup>18</sup>.

A mulher quer mostrar possuir domínio intelectual. Contudo, sua explicação confusa denuncia sua formação intelectual deficiente. Noutras piadas, há esta mesma visão. Num diálogo entre amigos, o marido classifica sua esposa como desocupada. Ele é ateu, ela é atoa: “Falla-se em religião:- Então, você o que é?- Ateu. - E sua mulher?- Atoa<sup>19</sup>”.

Este mosaico trata da inferioridade intelectual da mulher, apresentada como ser de pouca ou nenhuma inteligência. Elas carregam os estereótipos de serem: ignorantes, ociosas e lentas no pensar.

Consideremos esses estereótipos em relação à: procedência; função contextual; classificação.

<sup>16</sup> O MATINAL, n. 16, 08 de novembro de 1896, p.3.

<sup>17</sup> O MATINAL. Aracaju, n. 23. 04 de Janeiro de 1897, p.03).

<sup>18</sup> O MATINAL. Aracaju, n.04, 15 de agosto de 1894, p.3.

<sup>19</sup> O MATINAL. Aracaju, 09/08/1896, n°03, p.3

A inferioridade intelectual da mulher tem como uma de suas fontes o discurso médico do século XIX<sup>20</sup>. Estes acreditavam que a pouca inteligência da mulher tinha uma causa natural: o cérebro feminino teria tamanho menor que a do homem.

Diversas teses justificavam que o tamanho do crânio era um fator determinante do grau de inteligência. Sendo a mulher de massa cefálica inferior (menor) ao homem, seria ela menos inteligente.

A superioridade intelectual do homem decorrente do tamanho da massa cefálica foi uma visão muito difusa. Desde a primeira metade do século XIX, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro<sup>21</sup> relacionava, além do tamanho do cérebro, a altura e peso do corpo masculino como determinantes de sua capacidade intelectual. Conforme os especialistas, as mulheres por terem, geralmente, altura e peso inferiores aos dos homens, não possuíam uma massa cefálica capaz de atingir formas superiores de inteligência.

O discurso médico não se limitou a ligar inteligência ao tamanho do crânio. Os médicos criaram um rol extenso de diferenças orgânicas e fisiológicas.

Além do tamanho da massa cefálica, altura e peso das mulheres, atribuíram à palidez, a flacidez e o desequilíbrio temperamental da mulher a sua suposta limitação mental.

Os especialistas reclamavam reformas ao Estado. Na cidade, era preciso romper com a estrutura arquitetônica (espaços dentro da casa, especialmente) das antigas residências coloniais. Para os médicos, por causa da herança arquitetônica do patriarcalismo, com espaços fechados e escuros, as mulheres ficavam condicionadas a viverem num ciclo anti-higiênico, e isso não seria bom para a saúde mental e física daquela que exerceria seu papel de mãe.

Não faltaram argumentos, tanto de ordem biológica quanto social, sobre a inferioridade feminina. Diversas teses definiam a mulher como peça fundamental da ação médica social. O que estava em jogo não era a mulher em si, mas os filhos que somente através delas poderiam ser gerados para a nova ordem. Mulheres saudáveis iriam gerar filhos saudáveis. O Universo materno e o universo filial interpenetravam-se. A mãe devotada e a criança bem amada representavam o adubo e a semente necessária ao futuro patriótico e civilizado.

---

<sup>20</sup> A respeito do discurso médico oitocentista, Jurandir Freire Costa (1979) diz que a medicina já atuava no Estado Imperial desde a primeira metade do século XIX. A mulher da alcova (elite colonial) tornou-se um dos maiores desafios a ser investido pelos especialistas.

<sup>21</sup> Fundada em 1829, representou uma corporação encarregada de elaborar um conjunto de ações que tinha como objetivo intervir nos problemas de saúde pública. Sobre o assunto: VERONA, Elisa Maria. O discurso médico e a construção da ideia de sexo frágil. IN: **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.41.

A imagem da mulher/ mãe encontrava um entrave para cumprir bem sua missão: a higiene mental. O ser feminino era qualificado por especialistas como fraco das ideias e extremamente impulsivo nas decisões.

Um médico carioca, Dr. José Joaquim Firmino Junior, em 1840, por exemplo, defendia que “as mulheres são mais sensíveis, mais impressionáveis, menos aptas para a meditação, volúveis, inconstantes, extremosas em tudo, dadas a coisas de pouca ou nenhuma consideração” (FIRMINO JUNIOR, apud, VERONA, 2013, p. 47). Enquanto os homens, segundo os discursos médicos, eram “mais racionais e menos sentimentais; mais inteligentes e menos afetivos (...)” (COSTA, 1979, p. 251).

A ideia da mulher como biologicamente inferior ao homem não estava restrita à medicina. Fazia-se presente também nos discursos políticos. Como exemplo, podemos citar um debate ocorrido na Assembleia de Pernambuco<sup>22</sup> entre o jurista Tobias Barreto e o deputado e médico Dr. Malaquias Antônio Gonçalves sobre a educação da mulher.

Na discussão, Tobias Barreto argumentou que a mulher era capaz de estudar medicina, possuía competência intelectual para tal<sup>23</sup>. A inferioridade intelectual feminina, segundo Tobias Barreto, era fruto da ordem social vigente e não de fundamentos naturais, como defendiam deputados e especialistas da área.

Segundo o intelectual, a inferioridade mental da mulher decorria de ordem histórica e não fisiológica. Na tentativa de derrubar os argumentos elencados pelo médico Dr. Malaquias, Tobias Barreto destacou o exemplo da russa Nadeschda Suslowa e da inglesa Elisabeth Morgan, que haviam conquistado o grau de doutoras.

---

<sup>22</sup> Discurso proferido em 1879, referente ao projeto de nº61, na Assembleia Provincial de Pernambuco. O discurso tinha como tema central a capacidade intelectual feminina defendida por Tobias Barreto em favor da estudante Josefa Agueda Felisbello de Oliveira. Ele reclamava do então Presidente provinciano o apoio financeiro aos estudos de Josefa Agueda, mediante uma mensalidade de 100\$0000 para a jovem estudar medicina nos Estados Unidos ou na Suíça. (BARRETO, 1990).

<sup>23</sup> Vejamos um trecho deste discurso:

“O Sr. TOBIAS: - Agora, Sr. Presidente, passarei a apreciar outro ponto da argumentação do nobre deputado. Segundo constou-me, a maior parte das considerações feitas por S. Ex<sup>a</sup> contra a idéia contida no projeto referiu-se ao cérebro da mulher. Eu disse nas minhas palavras iniciais que a teoria professada pelo nobre deputado é uma teoria decrépita. Não foi isto de ocasião, mas dito de convicção.

Essa teoria, repito, que ensina a determinar o grau de inteligência unicamente pelo peso do cérebro, é coisa um pouco desacreditada e não faz muita honra a quem quer que ainda queira basear-se nela. É quase o mesmo ponto de vista da velha doutrina de Gall.

(...)não admito essa mecânica cerebral, essa proporção entre a massa do cérebro e o grau de inteligência. Acho-a incompreensível a acho-a assim porque não vejo razão alguma de força que a possa sustentar.

O Sr. MALAQUIAS: - As leis fisiológicas.(...)Quanto mais bem desenvolvida é o órgão, melhor é a sua função.

O Sr. TOBIAS: E isto já será decerto uma lei? O maior peso do cérebro é por si só uma prova de maior desenvolvimento? A fisiologia, que até hoje, como diz pessoa competente, não se tem ocupado nem com as funções do desenvolvimento, nem com o desenvolvimento das funções, bem poucas leis apresenta que não possam sofrer contestação; e nesse número não se contam as que dizem respeito ao cérebro. (idem, p. 168).

Segundo Elisa Verona (2013), um dos objetivos dos médicos oitocentistas era melhorar a saúde pública. Neste objetivo, incluía-se a inserção da mulher na família e, sobretudo, nos espaços públicos, pois ela seria peça fundamental. Como já foi dito, a mãe teria um papel decisivo como formadora dos futuros cidadãos da República brasileira.

Cabia aos médicos apresentar soluções para os diversos problemas que ameaçavam a vida social, inclusive a familiar. A nova ordem cobrava das mulheres da elite uma boa saúde física e mental, para que elas exercessem sua missão maior: a maternidade.

Para os médicos, tal missão implicava na preparação da mulher para assumir a educação dos filhos. Assim sendo, a Ciência e o Estado uniram-se.

Como se daria este trabalho? Tanto o Estado quanto os médicos faziam um trabalho corretivo, visando sanar as limitações intelectuais da mulher. As deficiências desta seriam tratadas por uma sólida educação moral. Segundo o historiador Jeffrey Needell (1993), a futura esposa receberia uma educação para ser boa administradora do lar e também tornar-se apta a exercer algumas habilidades artísticas, como: tocar piano, cantar, dançar, entre outros. Nada, todavia, que exigisse delas um esforço mental que não fossem capazes de ter.

A educação adequada da mulher deveria corresponder às exigências sociais e, acima de tudo, condizer com a sua capacidade mental. Assuntos de ordem política e filosófica deveriam restringir-se aos homens.

O estereótipo da mulher como um ser de curta inteligência tem função histórica contextual. As ideias quanto às diferenças físicas e psíquicas entre homens e mulheres apresentadas neste trabalho devem ser interpretadas a partir de critérios histórico-culturais. Ou seja, o novo momento vivido por homens e mulheres burgueses no espaço urbano exigia maiores cuidados dos homens sobre suas mulheres.

A imagem da mulher como intelectualmente inferior ao homem faz parte da herança patriarcal que persistiu na ordem burguesa. O processo de urbanização expôs a mulher aos ambientes públicos, pressionando o Estado a uma ressignificação do papel singular da mulher no seio das famílias. Na nova ordem não havia lugar para a mulher colonial, enclausurada nas alcovas.

A medicina, neste contexto, encarregou-se da dupla missão de higienizar os comportamentos da mulher/mãe e garantir ao homem o poder conjugal.

A primeira tarefa médica referente à família era retirar a mulher do gineceu. Isto é, levar a mulher a circular em outros espaços além dos muros da casa. Nos termos de Jurandir Costa (1979), era preciso livrar a nova família da “síndrome de alcova”.

A segunda missão dos médicos era higienizar a mulher. Era preciso que a nova mulher adotasse comportamentos como: cuidar de sua aparência pessoal, moderar o apetite, frequentar regularmente o médico, entre outros. É claro que este processo de higienização não recaiu somente sobre as mulheres, mas sobre toda a família. A higienização implicava na geração de herdeiros saudáveis, cidadãos sadios.

Tal higienização implicou na valorização da figura do médico. Os seguidores de Hipócrates, então, substituíram os padres na direção da conduta feminina. Eles se tornaram os verdadeiros diretores de consciência, aconselhando e orientando as esposas. A família passa a ser conduzida pela atenção onipresente do médico. O profissional exigia da mulher responsabilidades próprias do seu sexo e idade, consolidando as distinções orgânicas e patológicas entre os gêneros.

Vê-se, assim, que o discurso médico teve um papel importante na formação e consolidação de uma nova imagem da mulher.

A ideia da inferioridade intelectual da figura feminina, presente nas anedotas, pode ser classificada tanto como um estereótipo quanto como uma representação.

A crença na inferioridade da mulher é um estereótipo pois se encaixa no conceito apresentado por Marie Jahoda. Segundo ela, estereótipo “designa convicções preconcebidas acerca de classes de indivíduos ou objetos, resultantes não de uma estimativa espontânea de cada fenômeno, mas de hábitos de julgamento e expectativas tornando rotina” (1987, p.419).

O estereótipo da mulher de pouca inteligência é fruto das estruturas históricas: o patriarcalismo e semipatriarcalismo delegaram à mulher somente as funções de esposa, mãe e dona de lar.

A imagem da mulher pouco inteligente também pode ser interpretada como sendo uma “Representação”, de acordo com Roger Chartier. Conforme mostrado pelo historiador, a representação se caracteriza por alguns traços: é um fenômeno coletivo, singular e político. Assim, o estereótipo da mulher “burra” é um fenômeno coletivo, na medida em que está espalhado nos grupos. Por outro lado, trata-se de um fato singular, específico de um determinado contexto social: a sociedade oitocentista. É também um fenômeno político, pois remete às disputas de poder entre os gêneros.

## b) Mulher: sexo frágil/submisso

A mulher frágil é outro tema frequente no material aqui examinado.

Tais características aparecem muito claramente na anedota “Mandamentos dos homens e das mulheres”. Vejamos:

Mandamentos para a Mulher<sup>24</sup>

O primeiro – Amar um homem sobre a todas as mulheres.

O segundo – Não lhe jurar amor em vão.

O terceiro – Acredital-o

O quarto- Estimal-o como a seupae e sua mãe.

O quinto – Não esquecel-o.

O sexto – enganar-o.

O sétimo – se zelosa.

O oitavo – Não dar desgostos, nem fingir.

O nono – Não desejar mais que um próximo.

O décimo – Não desejar os noivos alheios.<sup>25</sup>

Bem distintos são os “Mandamentos para o homem”<sup>26</sup>.

O primeiro – Amar a uma mulher como a todas as mulheres.

O segundo – Não lhe jurar amor em cheio.

O terceiro – Acreditar em uma, como crer em outra.

O quarto- Estimal-a como Adão ao fruto proibido.

O quinto – Nunca D’ ellas se lembrar.

<sup>24</sup> Esse modelo de anedota está presente em diversos jornais oitocentistas no Brasil. **O Jornal do Comércio**, de Desterro (1888), publicou uma anedota semelhante à examinada neste trabalho. Vejamos:

“Os Dez Mandamento Da Mulher: 1º Amai a vosso marido sobre todas as coisas. 2º Não lhe jureis falso. 3º Preparai-lhe dias de festa. 4º Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe. 5º Não o atormenteis com exigências, caprichos e amuos. 6º Não o enganais. 7º Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis este com futilidades. 8º Não resmunguei, nem finjas ataques nervosos. 9º Não desejeis mais do que um próximo e que este seja teu marido. 10º Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines. Estes dez mandamentos devem ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia, e depois ser bem guardados na caixinha do toilette.” Ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul**. In. História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 285.

<sup>25</sup> **O MATINAL**. Aracaju de 02/08/ 1896, nº 2, p.3.

<sup>26</sup> Os Dez Mandamentos do Marido também foram encontrados por Joana Pedro no Jornal A Gazetinha (1896), de Desterro. Diferentemente da anedota publicada pelo Jornal O Matinal, a anedota sobre mandamentos para o homem favorecia a mulher:

“1º Uma boa mulher, toma bem nota, quer ser tratada com juízo. Não abuses do seu coração flexível pois os objetos frágeis quebram-se facilmente. 2º As tuas ordens e os teus desejos que sejam brandos, pois o marido é senhor e não déspota. 3º Se alguém te zangar na rua, não te vingues em tua mulher, não exijas tudo com a máxima exatidão; tu erras: porque o não fará a mulher? 4º Não namores outras mulheres, ama unicamente tua mulher, eis o teu dever. 5º Se a mulher te pedir dinheiro por precisar dele, não debes resmungar. 6º Deves limitar as tuas despesas, mas também não debes ser um usuário. 7º Não vás para a mesa de jogo ou para os cafés, pois tens distração bastante em casa. 8º Separa alguma coisa para a mulher e os filhos, cuida também da sua felicidade para depois de tua morte. 9º Ama sempre a tua mulher, não te deixes apossar do mal. 10º caminha assim com ela de mãos dadas e serão felizes até a eternidade.” Ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul**. In: História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org) 2 ed. – São Paulo: Contexto, 1997, p. 300- 301.

O sexto – enganar-a sempre.  
 O sétimo – Fingir-lhe ciúmes.  
 O oitavo – dar-lhe poucos gostos, e muitas simulações.  
 O nono – Desejar a todas que lhe estiverem próximas.  
 O décimo – Desejar a noiva alheia se já não tiver a sua.  
 Se resumem em dois, a saber: amar a todas as mulheres e não se captivar a nenhuma<sup>27</sup>.

Como se vê, a anedota apresenta a moral masculina e feminina como sendo completamente distintas. Ao homem cabe ser infiel, dissimulado e promíscuo. Já à mulher é recomendada a fidelidade, a sinceridade, e o devotamento ao homem.

Também há anedotas nas quais a mulher deixa escapar suas intenções de viver uma aventura, mas ao final o freio religioso é mais forte. Consideremos.

O Imperador Carlos V, vivamente apaixonado pela Duquesa Medinaceli, propoz-lhe secretamente uma entrevista de amor. – Senhor, lhe respondeu esta virtuosa princesa, se eu tivesse duas almas, com prazer arriscaria uma por sua Majestade, mas não tendo senão uma, não quero perde-la. (O Matinal, Aracaju de 02/08/ 1896, nº 2, p.3).

Examinemos este material quanto a sua procedência, função e significado.

Começemos pela procedência, isto é, de onde vem a imagem da mulher como frágil e submissa, documentada nas anedotas. Tal caracterização da figura feminina tem como uma de suas fontes a teologia católica.

A esposa temente a Deus não traria riscos à desonra do homem e da família. Para a Igreja, esta deveria ser dirigida pelo homem.

A influência do catolicismo na conduta moral de casais e, principalmente, na determinação dos papéis femininos é antiga, afirma Mary Del Priore (2013). Desde o Brasil Colonial, a instituição modelou as alianças conjugais e a conduta das famílias.

Os padres enfatizavam o dever dos maridos e esposas como vontade de Deus. Tal discurso fundamentado na Bíblia atribuía à mulher uma posição inferior ao do homem. Esta inferioridade era sempre enfatizada pelos padres ao seu público feminino. Estes lembravam

---

<sup>27</sup> O MATINAL, Aracaju de 02/08/1896, nº 2, p.4

sempre os dois motivos, pensados por Deus, da origem da mulher: auxiliar o homem e gerar os filhos<sup>28</sup>.

Todavia, a Igreja delegava à mulher uma missão importante, responsabilizando-a pela felicidade conjugal e familiar. A esposa fiel, amorosa e piedosa transformaria a casa em um verdadeiro “santuário”. Por isso, a mulher era convidada a observar os deveres essenciais para o cumprimento da sua aptidão de esposa/mãe. Vivendo bem sua vocação matrimonial, ela seria forte testemunho de virtudes e exemplo de uma boa cristã.

Durante a primeira metade do século XIX, a Igreja continuou a exercer um grande poder sobre as mulheres. Segundo Gilberto Freyre (2003), nas sociedades patriarcais, o confessor foi a grande “arma” simbólica para controlar a conduta das mulheres. Os padres, por meio das confissões, controlavam os comportamentos femininos.

No sistema patriarcal, a vida conjugal seguia, em grande parte, os ditames da fé católica. Os padres, amparados nos discursos tirados do Antigo Testamento, reforçavam a imagem do homem como cabeça e da mulher como corpo. Essa analogia deixava clara que a submissão da esposa ao seu marido era, antes de tudo, uma vontade de Deus.

A influência do discurso católico sobre a condição da mulher foi notada, dentre outros, por Tobias Barreto. Para este jurista, no seio das famílias burguesas prevalecia o princípio da sujeição feminina ao homem como vontade Divina<sup>29</sup>. Noutras palavras, os discursos do catolicismo são um dos responsáveis por reforçar as diferenças de gênero na sociedade burguesa.

Para Tobias Barreto, a visão católica sobre a mulher era anacrônica e não científica. Sustentava-se pela procedência histórica do patriarcalismo e do semipatriarcalismo.

---

<sup>28</sup> Segundo a historiadora Mary Del Priore, “a Igreja católica explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro de casa, incentivando a última a ser exemplarmente submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhes filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja” (DEL PRIORE, Mary. **História e Conversas de Mulher**. 1ª ed., São Paulo: Planeta, 2013, p.13).

<sup>29</sup> Observemos um trecho deste discurso, no qual Tobias Barreto apresenta a influência da Igreja na construção da imagem feminina como inferior ao homem, ocorrido na Assembleia pernambucana, em 1879:  
O Sr. TOBIAS BARRETO: - Pelo que toca, porém, ao ponto de vista civil, não há dúvida de que se faz necessário emancipar a mulher do jugo de velhos prejuízos legalmente consagrados. Entre nós, nas relações da família, ainda prevalece o princípio bíblico da sujeição feminina. A mulher ainda vive sob o poder do marido, por exemplo, na educação dos filhos; curva-se, como escrava, à soberania vontade marital. Essas relações, digo eu, deveriam ser reguladas por um modo mais suave, mais suave, mais adequado à civilização. (BARRETO, 1990, p. 170).

Na visão de Tobias Barreto, a sociedade tinha como regra o fato de que pertencer ao sexo feminino significava ser submissa ao homem. Noutras palavras, a mulher continuava devendo obediências ao esposo.

Com a proclamação da República, os novos governantes passaram a disputar com a Igreja a influência sobre a família<sup>30</sup>. A mulher continuava retratada como criada por Deus unicamente para ser companheira do homem (esposo), a quem deveria amar e servir, como Cristo amou e serviu sua Igreja. Esta analogia da mulher com a Igreja foi utilizada pelos padres. A educação feminina, mesmo após a República, continuou sob a influência do catolicismo. Muitas jovens de elite eram entregues à educação dos colégios católicos (ligados a diversas Congregações religiosas) e lá recebiam uma educação moral e religiosa visando o matrimônio e a maternidade.

O discurso católico sobre a mulher tem, em grande parte, origens bíblicas. O livro do Gênesis é esclarecedor neste aspecto. O texto enfatiza o caráter subalterno da mulher em relação ao homem. Diz o relato: “Iahweh Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn, 2,18).

O trecho revela a criação da mulher na condição secundária quando comparada ao homem. A mulher aparece como agrado, cuja função é fazer companhia ao homem. O relato da tradição judaico-cristã mostra a mulher como um acessório do homem. Após a queda (desobediência), Deus se dirige a Eva e lhe diz: "estarás sob o poder do teu marido e ele te dominará" (Gn 3,16). No relato, a mulher é mostrada como indutora do homem ao pecado e, portanto, deveria pagar o preço da submissão.

A desobediência de Eva não só acarretou às gerações femininas o jugo do homem, como também a destinou a gerar filhos mediante as dores do parto. O livro do Gênesis relata: “À mulher Ele disse: Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos” (Gn, 3,16).

Esta mesma concepção está presente no Novo Testamento. Na Carta de São Paulo aos Efésios, o apóstolo aconselha as mulheres: “As mulheres (sejam submissas aos seus maridos)

---

<sup>30</sup> Conforme Riolandi Azzi (2008), após a proclamação da República, a Igreja tratou de buscar meios de continuar exercendo um controle na organização da nova família nuclear. Para isso, destacou três pontos considerados fundamentais: “a sacralidade do matrimônio, a indissolubilidade do vínculo e a dependência da mulher”. Ver: AZZI, Riolandi. A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2008.

como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do corpo”<sup>31</sup> (Ef, 5, 21-23).

Para o apóstolo São Paulo, a submissão da mulher ao marido é um princípio de conduta desejado por Deus. A mulher, não tendo cabeça, é “fraca do juízo”, incapaz de decidir, restando a ela ser regida pelo homem. Assim, o casamento religioso foi defendido pela Igreja como única via de acesso à vontade Deus, manifestada nas palavras do apóstolo Paulo. O corpo e a cabeça feminina a serviço de Deus, da Igreja e do esposo.

Vê-se, pois, que a religião teve um papel fundamental na depreciação do sexo feminino e na construção de estereótipos que enfatizavam a perpetuação da desigualdade de gênero.

Avaliemos agora o estereótipo da mulher fraca e subalterna quanto a sua função no contexto da época.

Este estereótipo tinha o papel de garantir a ordem do domínio masculino. A função contextual dos estereótipos é, como outros, a manutenção do semipatriarcalismo. Os clichês visam manter a mulher nos trilhos da vontade masculina.

Na ordem burguesa oitocentista, na qual circulavam as anedotas, os clichês visavam manter a autoridade do homem. A dominação do marido sobre a esposa, conforme Pierre Bourdieu (1999), implica o poder do homem de decidir, coordenar e transformar o seu espaço social.

Quanto ao contexto, estas imagens negativas da mulher remetem *a belle époque*, isto é, ao período compreendido entre 1890 a 1917. Neste tempo, segundo Maria D’Incao (2008), a mulher, apesar de já desfrutar de espaços públicos, ainda vivia sob a autoridade do pai, chefe da família, até a adolescência e, após o casamento, sob a tutela do marido.

No contexto daquela época, apesar da República ter colocado a mulher como símbolo do novo regime, ela continuou sendo subalterna ao homem. A vida burguesa reorganizava as vivências familiares, mas mantinha o lugar da esposa como companheira/dependente.

Noutras palavras, o casamento civil em 1891 não alterou muito a realidade da mulher casada, pois o homem continuou o chefe da sociedade conjugal.

Outro componente do contexto é a manutenção do poderio da Igreja católica. A doutrina desta continuou influenciando na mentalidade das famílias burguesas. A instituição, na

---

<sup>31</sup> No relato da Carta aos Efésios, o apóstolo estabelece um paralelo entre mulher/igreja e homem/Cristo. Os termos comparados se esclarecem mutuamente; pode-se dizer que Cristo é esposo da Igreja, porque é seu chefe e a ama como seu próprio corpo; assim como acontece entre marido e mulher. Essa comparação fornece o modelo moral da doméstica pensado pela Igreja para o casamento: a obediência e submissão da mulher ao seu marido.

sua preocupação com a família, associava-se ao Estado e ao poderio médico como condutores da ordem moral.

O padre juntou-se ao médico no trabalho com a família. Mesmo dividindo o poder com este, aquele continuou interferindo na conduta moral dos casados.

A Igreja também se associou de algum modo ao Estado. Os padres defendiam que o casamento civil deveria ser complementado com o religioso. A Igreja afirmava que os que casassem somente no civil estavam condenados ao sofrimento terrestre e à condenação eterna (DEL PRIORE, 2013, p.60). Donzelas cristãs negavam-se a casar-se somente no civil, pois acreditavam que tal união, sem a benção do padre, não traria boa sorte. Era comum nas famílias burguesas jovens casadoiras polemizarem se o casamento civil era ou não um pecado.

Outra estratégia encontrada pela Igreja para manter-se na gerência moral das famílias foi o incentivo à ideia do amor conjugal. Tal procedimento visava impedir o adultério, tanto de homens quanto de mulheres.

Esse discurso eclesiástico foi bem recebido pelo Estado, que necessitava moralizar as famílias. Segundo Mary Del Priore, “o Estado acreditava que do bom desempenho sexual dos cônjuges dependia a saúde dos filhos, a moralidade da família e, sobretudo, o progresso populacional da nação” (DEL PRIORE, 2013, p.20). Igreja e Estado neste ponto convergiam.

Os padres reforçavam o papel da mulher como progenitora de uma nova época e de novos homens cujas vidas deveriam ser preparadas no seio de uma família cristianizada. A Igreja defendia com firmeza a manutenção do ideal de família cristã. Ela e o Estado convergiam quanto à construção e definição dos papéis femininos.

Conforme Mary Del Priore (2013), a Igreja e o Estado se uniram na gerência das mulheres de famílias quanto a sua submissão, primeiro ao pai e, após o casamento, ao esposo. A Igreja, como corresponsável do projeto civilizador, incentivava a conservação de uma visão androcêntrica<sup>32</sup>.

Para a Igreja, cabia ao homem representar o Sagrado. Já à mulher, cabia a submissão por representar o profano. A desobediência de Eva delegou a sua geração o castigo de viver sob o jugo do homem.

Assim, Estado e Igreja eram parceiros em um discurso que atendia a ordem masculina. Ambos atribuíam à mulher traços como: bondade, generosidade, devoção a Deus e ao

---

<sup>32</sup> O termo utilizado por Pierre Bourdieu remete às divisões e distinções entre os gêneros ao longo da história. Ver: BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 44.

esposo/filhos. E somente pelo casamento, sendo constituída uma família, a mulher conseguiria cumprir bem seu dever social e cristão.

Em concordância com o Estado, o discurso católico foi uma “arma” importante para gerenciar as relações conjugais. Tanto a Igreja quanto o Estado republicano convergiam na visão da mulher como incapaz de compartilhar com o homem todos os esforços e todos os proveitos da civilização e do progresso.

### c) **Mulher: astuta e maliciosa**

Outro estereótipo presente nas anedotas é o da mulher astuta, sagaz. Neste, temos as mulheres que não se comportavam em conformidade com as regras. São mulheres que romperam com os padrões impostos pela sociedade machista, sendo recatadas e submissas.

Tal modelo se contrapõe a dos gracejos anteriormente examinados. Leiamos o texto abaixo:

Uma noite, estando reunidos em uma sala algumas pessoas a brincar prendas, diz uma moça, a uma das visitas. –Sr. F. quando as pragas cantam em nossos ouvidos, o que dizem? Seria: V... o dorme hoje aqui? O interpelado vendo que já eram onze horas, sem saber o que responderia a esta maliciosa indiscrição, disse: - Não, minha senhorita, vou já para casa<sup>33</sup>.

Outras vezes, as anedotas mostram a mulher cheia de presença de espírito, capaz de reagir aos insultos masculinos. Sendo sagaz em suas respostas. Observemos a pilhéria:

Em um bonde. Entra uma senhora extremamente gorda. -Este elefante não cabe aqui, diz baixinho ao seu companheiro um velho gaiato. A senhora senta-se e voltando-se para o velho respondeu-lhe:- Cavalheiro tem razão, estes bondes deviam ser grandes como a barca de Noé de modo a poder conter todos os animais desde o elefante até o asno<sup>34</sup>.

Temos aqui a negação do estereótipo da mulher burra. A mulher reage aos insultos do homem sem temor e com bastante perspicácia.

<sup>33</sup> **A PATRULHA**, Aracaju, 3 de novembro de 1890, n. 01, p. 3.

<sup>34</sup> **O PERIQUITO**, Aracaju, 25 de junho de 1894, nº 04, p.3.

Em outro caso, o gracejo nos mostra a resposta da esposa vaidosa que tenta impor ao marido seu ponto de vista em relação ao uso do chapéu:

Entre marido e esposa: Elle – Porque teimas em pôr na cabeça pellos de outros animais? Ella: - Pela mesma razão por que tu pões nas mãos pelle de outros animais<sup>35</sup>

Outra pilhéria mostra uma esposa incomodada pelo ronco do esposo durante o sono. Então, ao acordá-lo, ela faz uso de uma linguagem debochada para caçoar do esposo. Leiamos o gracejo:

A esposa sacode o marido que está dormindo e dá uns guinchos medonhos. – Acorda Fernando, acorda! – Mas o que é, mulher? – Estavas com um terrível pesadelo! – Não, meu bem; cortaste –me um sonho delicioso e isso não te perdôo. Oh! Homem de Deus, olha que davas uns gritos desesperados! – Estava cantando uma aria no Theatro Lyrico. – E era aquillo que cantavas?... Pois fique sabendo que te evitei umas pateadas<sup>36</sup>.

Indaguemos, considerando os estereótipos até aqui apresentados: De onde procedem? Qual o seu contexto? Que funções exercem? O que significam?

Iniciemos buscando entender a origem dos estereótipos apresentados neste segmento. A visão da mulher como astuta e maliciosa tem como uma de suas fontes a literatura.

No Brasil oitocentista, romancistas como Machado de Assis e José de Alencar são responsáveis por criar personagens femininos com traços de astúcia e malícia.

A produção romanesca do século XIX pode ser pensada como importante meio de construção e difusão de estereótipos femininos. Os romances contribuíram para divulgar comportamentos mulheris considerados adequados ou inadequados frente ao padrão moral.

Escritores das últimas décadas do século XIX estavam preocupados em participar do projeto civilizador, escrevendo algo que fosse útil à formação moral das mulheres. A produção romanesca fornecia uma espécie de contra modelo de conduta, apresentando heroínas de comportamento moral condenável.

Elisa Verona (2013) acredita que o discurso literário, ao difundir estes contra modelos (astuta, maliciosa e traidora), contribuiu para a continuidade da ordem masculina. Vejam o que acontece com as que se comportam mal? O final para personagens que transgredissem a

<sup>35</sup> O MATINAL, Aracaju, 28 de setembro de 1897, n. 20, p.3.

<sup>36</sup> O MATINAL, Aracaju, 28 de setembro de 1896, n. 10 p.3.

ordem masculina estabelecida era o abandono, a solidão, o divórcio; a “conversão” dos seus atos.

Como exemplo, podemos citar dois romances emblemáticos do século XIX: **Senhora** (1875), de José de Alencar e **Dom Casmurro** (1899), de Machado de Assis.

Estes romances forjaram personagens que encarnam estereótipos negativos da mulher. Os romancistas utilizam as personagens centrais para difundir padrões (adequados e inadequados) de conduta.

Tais personagens nos ajudam a entender os clichês presentes nas anedotas. A maioria dos romances oitocentistas tematizavam como pontos centrais de sua trama: o universo do casamento (dote, adultério), a representação da mulher e as novas propostas sentimentais. A figura feminina é o personagem central da trama. Neste período, a literatura brasileira voltava-se para a vida urbana, tornava-se baluarte dos novos valores burgueses. Diversos escritores, a exemplo do já citado José de Alencar e Joaquim Manoel Macedo, marcaram nas suas obras novos esboços dos papéis femininos.

Em **Senhora** (1875), a protagonista Aurélia representa uma mulher astuta, audaciosa, fria e vingativa. Apesar de toda trama girar em torno do amor romântico de Aurélia por Fernando Seixas, o romance mostra a personagem confrontando-se com as qualidades convencionais da mulher burguesa. O comportamento da protagonista rompe com os modelos de conduta feminina: inocente, romântica, e submissa.

Aurélia é uma mulher que foge do padrão estabelecido. Extremamente inteligente e calculista, ela decide como quer gerenciar seus negócios. A personagem confronta as qualidades convencionais da mulher ideal para a sociedade. O comportamento de Aurélia rompe com os arquétipos femininos esperados: inocência, submissão e lentidão mental<sup>37</sup>.

O comportamento da personagem contrapõe frontalmente com os padrões femininos da época. No enredo, o próprio casamento da personagem é algo que foge do modelo ideal. Aurélia escolhe quando e com quem irá casar. Ela também estabelece o valor do dote a ser pago.

---

<sup>37</sup> Vejamos um trecho da obra que revela a autonomia dessa personagem: “Era realmente para causar pasmos aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse” (ALENCAR, 2005, p. 12).

No decorrer da trama, todavia, é possível encontrar comportamentos românticos que levam ao desfecho esperado. Quando Aurélia percebe estar perdendo o controle, abandona as características não condizentes com a mulher casada e assume o papel de esposa submissa<sup>38</sup>.

Conforme Jurandir Costa (1989), a personagem “vence porque tinha um bom motivo: o amor; ele vence, sobretudo, o interesse econômico no casamento” (1989, p.66).

Já no romance **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, a protagonista Capitu é mostrada como uma personagem enigmática, dona de um comportamento ambíguo que confunde os leitores. Diferentemente de José de Alencar, Machado de Assis vai explorar outras temáticas relacionadas com o amor conjugal e a família. Seus personagens brincam com o leitor, o qual não consegue classificá-los como “honestos” ou “desonestos”. Capitu é o maior exemplo dessa duplicidade de opinião. A personagem é apresentada como uma mulher inquietante e provocante, fato que dá sempre margem para o leitor determiná-la como sendo infiel. A dissimulação coloca Capitu como uma representação feminina inadequada para ser copiada por damas da alta sociedade burguesa. Mas, aqui não nos interessa o julgamento desta, e sim os estereótipos que Machado de Assis atribui à personagem.

O retrato moral de Capitu se contrapõe ao que se espera de uma senhora casada. Ou seja, mulheres maliciosas, dissimuladas e ardilosas representavam o protótipo da mulher devassa, sem caráter. Certamente, estes não eram os modelos a serem copiados por mulheres de boa conduta.

O fim da aliança conjugal entre Capitu e Bentinho vai de encontro à realidade desejada pelas famílias burguesas. A mulher, guardiã da paz dentro do lar, deveria estar sempre pronta a esquecer de suas vaidades pessoais para viver em prol da família. Isso, porém, não é o que ocorre em **Dom Casmurro**.

O desfecho do romance rompe com a ideia de final feliz. Bentinho termina a história separado de Capitu e do filho, que ele crer ser o fruto de um adultério. Isto é uma lição moral para as mulheres casadas. As senhoras comprometidas não deveriam ter comportamentos

---

<sup>38</sup> Observemos o trecho que manifesta a mudança no comportamento de Aurélia:

“Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. (...) — Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando seu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma. Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que ajoelhara a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em fêrvido beijo” (ALENCAR, 2005, p. 176).

maliciosos seguidos de atitudes audaciosas. Capitu, por não seguir a regra, teve como final o abandono do seu esposo.

Provavelmente, os estereótipos das personagens Capitu e Aurélia, retratados nos romances, migraram para as anedotas examinadas. Analisemos agora a representação da mulher astuta e maliciosa.

Esta estereotipização tem a função de estigmatizar comportamentos tidos como desviantes e indesejáveis. A função dos estereótipos presentes nas anedotas no contexto estudado é, assim, levar o leitor a rir dos comportamentos femininos tidos como discrepantes. Mulheres maliciosas e ardilosas, tanto nas palavras quanto nos gestos, eram “alvo” de risadas.

O contexto destas piadas abarca, como nas anteriores, as últimas décadas do século XIX. Este período foi marcado por mudanças significativas rumo à modernização. O burguês citadino aspirava viver a civilidade e modernidade europeia. Para isso, no entanto, precisava remodelar comportamentos. Noutras palavras, teria que abolir condutas, atitudes e expressões tradicionais, não tidas como adequados em uma sociedade civilizada.

Toda essa exigência de modernização recaiu sobre a mulher. Por ser a responsável pela imagem social da família, ela teve sua imagem explorada por diversos gêneros da literatura oitocentista. Através deles, eram elencadas as características inerentes à feminilidade.

Na *belle époque* (1870- 1917), o humor foi utilizado para cultivar e remodelar os valores necessários à civilidade. O burguês, que pretendia ser moderno, mas deparava-se com o desafio de lidar com uma mulher astuta e maliciosa que passou a viver na cidade, encontrou tanto nos discursos literários quanto anedóticos uma válvula de escape para driblar os entraves da herança patriarcal.

Este homem citadino passou a se deparar com uma mulher que saiu da alcova colonial e desfrutava de um novo espaço, no qual ela poderia dar vazão aos comportamentos indesejáveis. A mulher se faz presente em bailes, saraus, teatros, restaurantes e outros espaços públicos e estes novos contextos representavam um campo minado, ofereciam a possibilidade da mulher “descarrilhar”. Assim, fez-se necessário o corretivo do ridículo, representado pelos estereótipos veiculados nas anedotas.

Avaliemos, agora, o estereótipo da mulher astuta e maliciosa quanto ao seu significado.

Esta concepção de astuta e maliciosa, apresentada nestas anedotas, parece revelar um grande temor masculino, pois a mulher astuta encarnava o riso do adultério. Assim, tal estereótipo exorcizava aquilo que os homens mais temiam: a traição.

Por meios dos estereótipos, o sistema buscava coagir os hábitos femininos “nocivos” à ordem. Mulheres espertas e decididas não faziam parte do padrão moral. As anedotas encarnavam o temor masculino relativo às mulheres. O ridículo era uma boa válvula de escape para dar vazão ao temor masculino.

### CAPÍTULO 3. ESPOSAS: TORMENTOS DOS MARIDOS

“Antes do fim, Sinhá Rita pediu a Damião que contasse certa anedota que lhe agradara muito” (ASSIS, 1994, p.5)

É do estado de casado que o nosso mosaico anedótico retira outra parcela significativa do seu repertório. As piadas mostram a mulher como um fardo para os maridos.

As anedotas focalizam: o matrimônio como fardo para o homem; o adultério feminino. Examinemos o que dizem os textos sobre tais temáticas.

#### a) O matrimônio como tormento.

O matrimônio, tal como mostrado nas anedotas, é um verdadeiro tormento para o homem. Vejamos um exemplo:

Um viúvo cinco vezes. Tendo lhe alguém perguntado a qual das suas mulheres com mais ardor tinha amado. Respondeu: Fallo-lhe franco, igual a quem se confessa. Estimei mais a primeira, porque morreu mais depressa.<sup>39</sup>

A anedota focaliza a libertação do esposo por meio da viuvez. O marido, ao ser perguntado qual das suas esposas ele mais amou, afirmou: foi a primeira, por ter morrido mais cedo. Desta forma, no contexto da estória, um homem tornar-se viúvo era motivo de satisfação.

O tema do casamento como um infortúnio para o homem comparece noutra anedota:

Um homem, vertendo abundantes lagrimas, acompanha ao cemitério os restos mortaes de sua mulher. - Coragem, diz-lhe um amigo, não chores, não desesperes tanto. - Tens razão, respondeu-lhe o viúvo, enxugando o pranto, esta é a primeira vez que saímos juntos sem brigar<sup>40</sup>.

Nesta segunda estorieta, um viúvo se apresenta bastante emocionado no enterro de sua esposa. Todavia, ao ser consolado por um amigo, ele o surpreende: confessa que seu sentimento não era devido à morte da companheira, mas por estar livre do inferno conjugal.

<sup>39</sup> O MATINAL, Aracajú, 04 de Janeiro de 1897, n. 23, p.03.

<sup>40</sup> O MATINAL, Aracajú, 30 de agosto de 1896, n. 06, p. 3.

Noutras piadas, o inferno conjugal começa no noivado. Vejamos:

Na véspera do casamento passeava Nhônhô com sua noiva. Encontra um amigo a quem pede um cigarro. Como, diz a noiva, não sabia que fumavas. – E’ verdade, não fumo; mas quando estou aborrecido serve-me de distração<sup>41</sup>.

Nessa estória, o noivado, que costuma ser visto como um momento de felicidade e satisfação, é apresentado como a antecipação da infelicidade que virá.

Noutros casos, o marido, ao deparar-se com o mau humor da mulher, apela para o riso. Este é o caso da pilhéria abaixo, que tem como personagem o filósofo Demostenes e sua esposa:

A mulher de Demosthenes tinha tão mau genio que um dia, aborrecida com o marido, apanhou um jarro cheio de agua e arrojou-lh’a no rosto o philosopho, sem perder a calma e sorrindo disse. - Sempre receiei que tanta trevoada viesse a dar em chuva<sup>42</sup>.

Às vezes, as anedotas focalizam personagens históricos para reforçar a ideia do temperamento intratável das mulheres: “Dizia Luiz XVI: - Mas facilmente perei de accordo as potencias da Europa do que duas mulheres.” (**O MATINAL**, Aracaju, nº 47, 30 de maio de 1897, p.3). Outras enfocam a deterioração do casamento: algo que começa bem, mas termina mal e falam do desejo do marido de dar cabo da companheira.

Que cousa exquisita é o amor! Disse ultimamente um homem em uma companhia. – Quando me casei com minha mulher quasi que a sufoco com meus abraços. E hoje a arrependo de não a ter suffocado<sup>43</sup>.

Outra blague mostra a visão do casamento de dois homens diferentes. O primeiro afirma que sua esposa é um poço de qualidades angelicais. Já o outro assevera que a companheira é uma cruz.

Leiamos o gracejo:

Dois amigos encontram-se após muitos anos sem se verem: - E’ como vai essa encantadora rapariga com quem tu casaste? – pergunta um deles. – E’ um anjo... – Que sorte! A minha ainda é viva<sup>44</sup>.

<sup>41</sup> **O PALADINO**. Aracaju, 01 de setembro de 1889, n.10, p.3.

<sup>42</sup> **O MATINAL**. Aracaju, 20 de julho de 1897, n. 59, p.03.

<sup>43</sup> **O MATINAL**. Aracaju, 08 de novembro de 1896, n.16, p.3.

Vê-se, numa outra narrativa, o homem que reconhece o crime da agressão domiciliar, mas não lastima o ato, e sim o fato de não ter alcançado o efeito esperado.

Vejamos: - E' melhor prender-me. Bati na cabeça da minha mulher com um pau. – Matou-a. – Julgo que não. E' por isso que quero que me prenda. <sup>45</sup>

Outras vezes, o casamento é mostrado como sandice:

- José como se chama um homem casado, a quem morreu a mulher? – Viúvo. – Cinco letras... é isso. E um homem a quem morreu a mulher e torna-te a casar? – Uma besta! <sup>46</sup>

Em outro caso, o homem é categórico na convicção de que o casamento é um fardo.

Ouçamos a anedota: “- Senhor, compre-me estas flores para a mulher que amas. – Eu não amo ninguém! Sou casado”!<sup>47</sup>.

A pilhéria revela que o amor romântico não faz parte do casamento. O cortejo de um homem a uma mulher só condiz com rapazes solteiros que buscam conquistar uma rapariga.

Outras vezes, as brigas conjugais só cessam no sexo, o único apaziguamento da guerra conjugal.

Consideremos o que diz a historieta:

Certo individuo, que ralhava dadas vezes com sua mulher, foi repreendido por um amigo. – Não faça isso, respondeu ele, nós somos como as cabras que brigão de dia, mais juntão-se de noite! <sup>48</sup>

As obrigações conjugais do homem fazem parte de outro tema que aparece na coleção. No exemplo abaixo, o homem vê as obrigações paternas como um tormento.

Examinemos o gracejo:

Uma mulher, que não acomodar uma filha que chorava acordou o marido que dormia a somno solto pedindo-lhe que a ajudasse a acalantar a criança como o fundamento de que ambos erão interessados no negocio. Não há duvida, respondeu o marido virando-se para o outro lado. Accomoda tu a tua parte, que eu deixo gritar a minha<sup>49</sup>.

<sup>44</sup> **A PATRULHA**, Aracaju, 02 de novembro de 1890, n.01, p.3.

<sup>45</sup> **O MATINAL**. Aracaju, 16 de agosto de 1896, n.04, p.3.

<sup>46</sup> **O PALADINO**. Aracaju, 06 de novembro de 1889, n.6, p.3.

<sup>47</sup> **O PALADINO**, Aracaju, 06 de novembro de 1889, n.6, p.3.

<sup>48</sup> **O MATINAL**, Aracaju, 16 de agosto de 1896, n. 04, p.3.

<sup>49</sup> **O PERIQUITO**, Aracaju, 25 de julho de 1894, n.04, p.3.

As enfermidades das esposas são outra faceta do tormento dos casados.

Um homem que não dormia há três noites com sua mulher a gemer de dor, resolveu mandar chamar o médico. Após algumas horas, o médico retorna a sala. – E aí doutor, minha mulher morreu? Não. – Curou-a? Infelizmente, não. Pois se não cumpriu nenhuma das condições como quer que eu lhe pague?<sup>50</sup>

A anedota revela o esposo perturbado com a enfermidade da esposa. O homem chamou o médico para solucionar o problema, no entanto frustra-se ao ser noticiado que não havia sido possível solucionar a enfermidade, seja pela morte ou pela cura da esposa.

Outra piada reforça a visão negativa do casamento. Leiamos o gracejo: “- Sabe quem é esta rapariga tão faladora? – Sei sim; é a minha mulher. – Desculpe. Cometi um erro. – Não. Não cometeu. Quem cometeu fui eu, casando com ela”<sup>51</sup>.

A pilhéria mostra um homem incomodado com uma mulher que fala demais. Ele comenta com o outro homem a sua irritabilidade e o interlocutor alega que pior do que ouvi-la, é carregar o fardo de tê-la como esposa. Nessa anedota, surge o estereótipo da mulher faladeira.

Em outros casos, o defeito da mulher é o contrário do caso anterior. A anedota tematiza o homem casado incomodado com o silêncio da esposa. O amigo lhe adverte que isso não é um problema. Ouçamos o gracejo: “Entre amigos: - Vou me divorciar. Minha mulher há dois meses que não me fala. – Pois pensa duas vezes e olha que sorte dessas não se tem todos os dias”<sup>52</sup>.

O casamento, em outras piadas, é um infortúnio tão grave para o homem que a única solução é o divórcio:

- E porque é que te vais separar de tua esposa? – Não a posso suportar. A principio quando me chegava a ella, sentia-lhe o coração a bater!... – sim? E agora? – Agora... a única coisa que lhe sinto bater é a mão<sup>53</sup>.

Todavia, nem sempre o matrimônio é mostrado nas anedotas como um fardo para o esposo. Às vezes, é apresentado como uma possibilidade de ascensão social para um rapaz pobre.

<sup>50</sup> O MATINAL, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03.

<sup>51</sup> O MATINAL, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03.

<sup>52</sup> O MATINAL, Aracaju, 30 de agosto de 1896, n.6, p.3.

<sup>53</sup> O MATINAL, Aracaju, 09 de agosto de 1896, n.3, p.3.

Vejamos a anedota:

O Sr/nr. André, era um bello moço; trajava sempre no rigor da moda; graças ao seu alfaiate, ou pro outra, aos seus alfaiates, pois os que tinha, fiavam. Além disso era muito boa pessoa, mas... sem eira, nem beira... Por isso, resolveu casar-se... com moça rica<sup>54</sup>.

Em outra anedota, o casamento é mostrado como a possibilidade de alcançar prestígio social e econômico. O dote é o termômetro que motiva o jovem a casar.

Observemos:

No século XX: - Então o senhor dá sua filha, minha noiva 100 conto de dote? E' pouco. Repare meu futuro genro que quando eu morrer tudo pertencerá a rapariga. – Perfeitamente! E quando o senhor, pouco mais ou menos, pretende o senhor morrer?<sup>55</sup>

Estamos, aqui, diante do conhecido casamento por interesse, o popular “golpe do baú”.

A maioria das piadas apresenta a visão masculina sobre o casamento. Alguns gracejos possibilitam considerar a visão feminina sobre o universo matrimonial e tal imagem se contrapõe àquela dos gracejos anteriormente examinados.

Leiamos um deles:

Uma viúva mandou colocar na sepultura do marido uma lápide com a seguinte inscrição. - Minha dôr é tamanha que não posso viver. Um anno depois tornou a casar e a incripção foi assim modificada.  
- Minha dôr é tamanha que não posso viver só<sup>56</sup>.

Também há casos nos quais a esposa manifesta-se entediada no casamento.

Vejamos: “Que é isto, mulher?... estás só a abrir a boca!... – E’ que tu e eu somos um e fico muito aborrecida quando estou só.”<sup>57</sup>

Numa outra piada, encontramos a mulher inconformada com a viuvez. Observemos a pilhéria: “Se meu marido morresse, eu ficaria douda ... – Por que minha senhora? Por me casar outra vez!”

Nesta anedota, encontramos a mulher aflita em um casamento. A astúcia manifesta-se, dentre outras coisas, na busca de um bom marido.

Examinemos o gracejo:

<sup>54</sup> O MATINAL, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03.

<sup>55</sup> O MATINAL, Aracaju, 20 de agosto de 1896, n. 17, p.03.

<sup>56</sup> O PERIQUITO. Aracaju, 20 de junho de 1895, n.10, p.3.

<sup>57</sup> O PERIQUITO. Aracajú, 25 de junho de 1894, n. 04, p.3.

Uma dama da província tinha escripto a uma amiga da corte para lhe pedir que lhe procurasse um preceptor que tivesse taes qualidade, cuja enumeração era infinda; além disso sua carta era urgentíssima. Sua amiga respondeu: - Minha cara, tenho procurado um preceptor qual m'e pedis e ainda o não acheis; porém continuarei a procurar, e prometo-vos que, logo que o tenha achado, casarei com ele.<sup>58</sup>

Esta representação negativa da vida conjugal nos faz pensar na seguinte questão: O que motivava este homem, mesmo diante de tantos encargos negativos, a casar-se? No entender de Gilberto Freyre (2003), as razões eram diversas e imperativas. O enlace servia para garantir herdeiros legítimos, dar ao homem respeitabilidade social, ampliar seus bens e, em alguns casos, servir como escada de ascensão social.

O casamento era um meio de transferência de poder do pai para o filho, uma herança aristocrática, que transitou “das casas-grandes dos engenhos para os sobrados das cidades” (FREYRE, 2003, p.724). Na opinião de Gilberto Freyre (2003), os pais não legavam aos seus filhos legítimos somente bens materiais, mas uma herança moral. A geração de filhos legítimos era um meio de transferência do “poder simbólico”<sup>59</sup>. Enfim, o homem burguês buscava no casamento filhos legítimos, herdeiros do seu patrimônio material e imaterial.

Para o homem burguês, entrar no “rol dos casados” era uma garantia de respeitabilidade. Mas, não bastava simplesmente estar casado, era preciso fazer um bom casamento. Uma esposa de boa conduta significava muito na construção de um bom nome. Ser bem casado representava muito na aprovação social.

O historiador Jeffrey Needell (1993), estudando as regras morais da família oitocentista brasileira, assegura que um bom casamento visava, dentre outras coisas, a manutenção da **socialização pela etiqueta**<sup>60</sup>. O homem que desejasse manter ou conquistar um bom status deveria escolher uma mulher que conhecesse as regras do bom comportamento social. Acima de tudo, alguém que soubesse conviver na relação conjugal. Brigas e histerias não traziam uma boa reputação para o homem.

Assim, conforme os gracejos, o bom nome do homem casado dependia do comportamento de sua esposa. Dependia então, sobretudo, do desempenho dela em ambientes

---

<sup>58</sup> **O MATINAL**, Aracaju, 04 de Janeiro de 1897, n.23, p.3.

<sup>59</sup> O termo utilizado foi forjado pelo sociólogo Pierre Bourdieu. E consiste na construção da realidade visando estabelecer uma ordem dentro do grupo envolvido. Desta forma, o poder simbólico “é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (BOURDIEU, 2011, p.15).

<sup>60</sup> Para saber mais sobre o assunto, ver: NEEDELL, Jeffrey. **Instituições Domésticas da Elite**. In: Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 152-156.

públicos. Desta forma, discussões, lamentações e histerias eram verdadeiros infortúnios para o homem.

Uma boa esposa deveria zelar pela imagem do seu esposo e da sua família. Valorizava-se a mulher capaz de uma conversação graciosa, com pequenas dosagens de inteligência, junto com demonstração de respeito pelo marido.

O padrão moral determinava que a esposa devesse ser uma mãe delicada e atenciosa, e tal ideal somente poderia ser atingido na esfera familiar de mulheres de boa educação (D'INCAO, 1997, p.229).

Para alcançar a respeitabilidade, o esposo dependia diretamente do comportamento da esposa. Ela ocupava uma posição dependente e, ao mesmo tempo, central. Cabia a ela estabelecer as alianças no interior das famílias, bem como o cuidado das crianças e ainda a promoção de bailes, reuniões ou saraus. Isso significa dizer que o julgamento do marido pela sociedade dependia, em grande parte, do comportamento de sua mulher. Enfim, o bom nome da família passava pela atuação da figura feminina.

A família burguesa, em favor da respeitabilidade do bom nome do chefe da família, era levada a construir um conjunto de “máscaras sociais”<sup>61</sup>. O propósito era esconder as contradições existentes nas relações conjugais e familiares.

O bom nome do esposo/pai dependia da imagem da sua esposa/filhas. Embora a autoridade familiar ainda estivesse sob as rédeas do homem, a mulher ganhava uma função: ser guardiã do santuário familiar e zeladora da boa imagem do esposo. Para isso, era preciso investir na educação das mulheres. A imagem feminina tinha que atender às exigências sociais: “Arranhando pouco de francês, liam em português, tocavam piano, dançavam, cantavam árias de ópera ou exibiam outros dotes convenientes” (NEEDEL, 1993, p.161).

Para o burguês, o casamento exercia ainda um papel importante: era um meio de ampliar os seus bens. Para o homem, casar-se significava o direito de participar de uma parte da herança do sogro, oferecida como dote da noiva. Por ocasião do casamento, o pai costumava adiantar parte da herança da filha para o genro.

O casamento como ascensão social do homem respaldava-se no “poder marital”. Este dava ao marido o direito de controlar os bens da esposa e de ser o representante legal da família. Cabia ao cônjuge a responsabilidade de administrá-los, negociá-los livremente, arrendá-los e dá-los em fiança, sem a participação e o consentimento da esposa. O direito

---

<sup>61</sup> Termo empregado pelas historiadoras Míriam Moreira Leite e Márcia Ignez Massaini para explicitar as contradições da família patriarcal. Ver: LEITE, Míriam Moreira; MASSAINI, Míriam. **Representações do Amor e da família**. IN: D' INCAO, M. A. (org.) **Amor e Família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989, p.76.

dela se restringia em fazer parte da nobreza e dignidade do marido, bem como educar os filhos.

Este procedimento encontrava respaldo no Código Civil de 1890<sup>62</sup>, que determinava à mulher a condição de subalterna. O Código manteve o modelo de família patriarcal. Em outras palavras, a mulher, ao longo de todo o século oitocentista, foi forjada para ser mantida no ambiente doméstico. As mulheres da elite burguesa não deveriam participar das decisões restritas ao mundo masculino, as quais envolviam política, filosofia e assuntos administrativos<sup>63</sup>.

Este modelo de subordinação da mulher permaneceu até a primeira metade do século XX. O Código Civil de 1916<sup>64</sup> manteve a submissão da mulher casada ao marido. Cabia ao homem chefiar a sociedade conjugal, representar a esposa, administrar os bens do casal e determinar a localização do domicílio.

O casamento burguês, durante a segunda metade do século XIX, exerceu uma dupla funcionalidade do ponto vista masculino. Representava um dos meios de ascensão social. Conforme Maria de D' Incao (1997), o casamento tinha, assim, dois papéis básicos: era meio de galgar um degrau acima na pirâmide social e, ao mesmo tempo, um meio de manutenção do status.

O uso do matrimônio como meio de ascensão social para homens de poucas posses é citado por Gilberto Freyre (2003). O autor narra a história do bacharel João Alfredo Correia de Oliveira que, após se casar com uma moça de família, fez carreira política. O sogro do bacharel, o barão de Goiana, concedeu ao seu genro terras e poder. Homens de “bom casamento” fazem carreira na política<sup>65</sup>.

Vê-se, pela análise efetuada, que para o homem burguês oitocentista o casamento não possuía finalidades sentimentais – o chamado amor romântico. O enlace estava ligado a interesses grupais ou familiares.

---

<sup>62</sup> O Código Civil de 1890 considerava o adultério um dos principais motivos para a ação de desquite.

<sup>63</sup> Na Constituição de 1890, mulheres casadas e solteiras não podiam registrar em seu nome negócios e estabelecimentos, tendo como única exceção as viúvas, que gozavam de certa autonomia, podendo assumir os registros e as responsabilidades na condução dos negócios.

<sup>64</sup> Art. 380, da seção intitulada “Do Pátrio Poder”: Durante o casamento, exerce o pátrio poder o marido, como chefe da família (art. 233), e, na falta ou impedimento seu, a mulher.

<sup>65</sup> Sobre esse assunto: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 14 ed., São Paulo: Global, 2003, p.711-768.

## b) O adultério feminino.

O adultério feminino é outro tema que aparece nas anedotas aqui reunidas. É possível ser visto em algumas anedotas o dilema do velho casado com a moça nova. Trata-se da figura do “corno” que não quer saber.

Vejamos o gracejo:

Certo individuo rico mais idoso, teve a fortuna de casar com uma mulher, muito nova e muito formosa, mas com o defeito de ser muito leviana. O marido de cada vez que olhava para ella revia-se em sua formuzura e dizia: - Meu Deus! Que eu não seja; - mas se fôr que não o saiba! – e se souber, dai-me paciencia!...<sup>66</sup>

Vê-se que o velho esposo implora a Deus que não seja traído e, se o for, que não saiba e, caso saiba, que Deus lhe conceda resignação.

Em outro exemplo, a esposa adúltera justifica o seu “crime”, lembrando a idade do seu esposo. Ela insinua que o marido, pela idade, não estava cumprindo com as suas obrigações conjugais.

Leiamos a piada:

No Tribunal um marido acusa a esposa de adultério. Que idades tem? Pergunta o juiz ao marido: quarenta e sete anos. É falso, grita a acusada, tem 62 feitos... mente para diminuir as circunstancias atenuantes a meu favor.<sup>67</sup>

Outra peça narra o episódio de um esposo pedindo divórcio. Leiamos a estorieta:

Um esposo querendo divorciar-se, vai ter com um advogado e conta-lhe que, entre outras queixas, pode provar que a mulher se recusou uma vez a abrir-lhe a porta. – E’ preciso ser justa, contudo, diz o advogado com placidez: talvez não estivesse só.<sup>68</sup>

No transcorrer da narrativa, o advogado insinua que a esposa do seu cliente estaria acompanhada de um amante.

Outra anedota mostra uma esposa em confissão, revelando suas atitudes levianas no casamento. Observemos o gracejo:

---

<sup>66</sup> O PALADINO. Aracaju, 10 de novembro de 1889, n. 10, p.03.

<sup>67</sup> O PALADINO. Aracaju, 06 de novembro de 1889, n.06, p.3.

<sup>68</sup> O PALADINO. Aracaju, 05 de setembro de 1889, n.07, p.3.

Uma senhora foi confessar-se ao mesmo padre a quem seu esposo já havia feito o mesmo. Depois de recitar a oração de contrição, calou-se na metade. – Accuse-se dos seus pecados, disse o padre. – Isso é desnecessário, porque, como meu esposo veio primeiro, ele deve ter dito o que tenho feito e o que estou para fazer<sup>69</sup>.

Finais trágicos também ocorrem nos textos. Um marido traído finda matando a adúltera no exemplo abaixo:

Um honrado sargento da guarda nacional surpreende sua mulher em conversação criminosa; puxa do alfanje e quer vingar a injúria, que recebeu, no sangue do seductor, quando a mulher exclama: - Pára desgraçado! Tu vais matar o pai dos teus filhos!<sup>70</sup>

O desfecho da anedota é a confissão cabal da adúltera: O marido não é o pai dos seus filhos.

Todavia, há casos nos quais o marido traído não reage tão drasticamente como no caso anterior. Trata-se do “corno” complacente. Vejamos:

Um marido, quase conformado com a sua sorte: - Meu Deos! E porque não hei- de eu perdoar-lhe? Pensando bem quanto ela me foi fiel até ao dia em que me atraçouu<sup>71</sup>.

Como se vê na anedota, o adultério feminino é uma das grandes preocupações do homem oitocentista. Representava uma espécie de temor universal dos casados. Nos gracejos, a infidelidade feminina representa uma força desagregadora da boa imagem do homem. A honra e o poder deste dependiam da posse que ele possuía sobre sua esposa e, sobretudo, da sua respeitabilidade sexual<sup>72</sup>.

Como este temor masculino da traição pode ser explicado à luz deste contexto? Quais as ressonâncias da infidelidade feminina?

Dois fatores, talvez, respondam a estas indagações: o estigma do “corno” e o temor masculino de passar sua herança para filhos de outrem.

O casamento burguês oitocentista não era lugar para o amor romântico, mas sinônimo de vida estável para homens. Assim sendo, o adultério era uma violação, sobretudo, do direito masculino sobre o corpo de sua esposa (BORELLI, 1999). A mulher dentro da ordem

<sup>69</sup> O MATINAL, Aracaju, 09 de agosto de 1896, n.3, p.3.

<sup>70</sup> O MATINAL. Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03.

<sup>71</sup> O MATINAL, Aracaju, 04 de Janeiro de 1897, n.23, p.03.

<sup>72</sup> Conforme Emília Viotti, a honra feminina dependia de dois fatores: a manutenção da virgindade, antes do casamento e depois, a manutenção da exclusividade sexual da mulher com relação ao seu marido. Ver: COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República**. 9ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.493-523.

burguesa era uma propriedade exclusiva do esposo. A traição manchava, sobretudo, a honra de todos os componentes da família, filhos e marido.

O adultério feminino era temido, pois representava a desonra varonil. O estigma de “corno” trazia para o casado o temor de perder sua reputação social. A desonra arruinava a imagem do homem, e esta também passava para as gerações da família atingida por este infortúnio.

Para que este mal não atingisse as famílias, era recomendado ao homem que mantivessem a vigilância sobre sua esposa. Para isso, além dele vigiar o comportamento da mulher, era preciso gerar um mecanismo de autovigilância para que ela se autopoliciasse.

Os mecanismos para frear a conduta da mulher obedeciam a códigos tanto morais quanto religiosos. Eles contribuíram para a vigilância e autovigilância dos comportamentos da mulher.

O código moral foi uma importante arma da vigilância sobre a figura feminina. Fazia parte de um conjunto de mecanismos necessários à manutenção do casamento. O matrimônio entre homens e mulheres da burguesia obedecia a condições necessárias à manutenção da honra varonil.

Para Maria Angela D’Incao (1989), os códigos morais eram fundamentais. Funcionavam como um dispositivo necessário para garantir a honra do homem. A autora pontua alguns requisitos fundamentais: a comprovação da virgindade da mulher antes do casamento e a boa conduta.

A junção desses dois requisitos contribuía para integrar a mulher à família. As mulheres casadas, por meio dos ritos sociais, exerciam um novo papel de colaborar para o projeto familiar de mobilidade social. A mulher acusada de adúltera era penalizada não só pela desonra da sua família, como pela perda do patrimônio herdado de seu pai. O Código Civil dava ao homem o direito não só ao divórcio, como também o de herdar todo o patrimônio da mulher.

Já o código religioso é responsável por gerar na mulher uma autovigilância. As mulheres que, por um momento de devaneio, cometessem a traição conjugal, eram tomadas de um forte sentimento de culpa e de pecado. A adúltera rompia com o amor romântico, conjugal e também materno. A Igreja enfatizava que a mulher era a maior responsável pela felicidade dos cônjuges. Assumir bem a vocação de esposa e mãe era, antes de tudo, um plano de Deus.

A vigilância sobre a honra da mulher também se fazia presente por outros atores. Ela não sofria somente a vigilância do esposo e de si mesma, mas era submetida ao julgamento da comunidade. Ângela D’Incao (1989) acredita que a vigilância sobre a mulher casada encontrava nos olhos “alheios” sua maior arma<sup>73</sup>.

Para o burguês, era essencial que sua esposa se distinguisse das mulheres das classes populares.

Conforme Mary Del Priore (2013), o Código Civil de 1890 foi uma importante arma de distinção entre as mulheres “honestas” e “desonestas”. Sendo as ruas um espaço de desvios, tentações e imoralidades constantes, era necessário que as mulheres “respeitáveis” assumissem os ditames da moral e dos bons costumes. O comportamento leviano e descontrolado sexualmente era restrito às mulheres tidas como prostitutas e mundanas.

Por outro lado, o temor do adultério feminino também está relacionado ao temor do marido transferir sua herança a filhos ilegítimos. A infidelidade feminina representava uma porta que se abria. Diante do alargamento da vida urbana, era preciso intensificar a vigilância sobre as mulheres, para elas que não gerassem filhos fora do leito conjugal.

O temor da infidelidade feminina é compreensível quando consideramos as estruturas familiares daquele meio. Mesmo no sobrado citadino, o homem continuava a ser o chefe da família. Tal traço parece compreensível, invocando mais uma vez Gilberto Freyre (2003). Ele afirma que nas estruturas familiares da elite urbana permanece a figura do pater família da casa, representada por valores ligados ao código moral e religioso da época.

Apesar de alguns valores do modelo patriarcal terem sofrido alterações nos final do século XIX, Gilberto Freyre (2003) acredita que alguns deles não foram dizimados pelo novo **habitus** burguês.

Invocando mais uma vez o referido autor (2003), pode-se ler nesse aspecto mais uma manifestação do padrão da dupla moralidade. Ao homem burguês cabia a continuidade do controle de “todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas” (FREYRE, 2003, p.208).

Apesar de a mulher desfrutar de espaços públicos, isso não significava estar ela livre das obrigações morais. Nas palavras de Jeffrey D. Needell, a “*belle époque* não eliminou

---

<sup>73</sup> A vigilância dos comportamentos femininos “foi possível porque as próprias pessoas passaram a se autovigiar” (D’INCAO, 1989, p.70).

preconceitos tradicionais, apenas os modificou” (NEEDELL, 1993, p.165). Um exemplo é o Código Penal de 1890, o qual manteve a mulher na condição de objeto sexual do marido<sup>74</sup>.

O tema do adultério, tanto masculino como feminino, encontrou espaço no código penal de 1890. Nele é possível perceber uma visão hierárquica em relação aos cônjuges. A lei livrava de qualquer responsabilidade o homem que vingasse sua honra com sangue, assassinando a mulher em flagrante ato de adultério.

Em caso de adultério feminino, conforme a lei, a acusada podia ser penalizada com prisão celular de um a três anos. Para o homem, no entanto, a lei só considerava adultério se este sustentasse publicamente a sua amante, a concubina “teúda e manteúda” (SOIHET, 1997, p. 381)<sup>75</sup>.

Na verdade, a dicotomia vinha do Império. O código penal de 1830 também enquadrava o adultério feminino como um “crime contra a segurança do estado civil e doméstico”<sup>76</sup>. Estabelecia para o homem casado o direito até de matar sua mulher adúltera. A agressão se estendia para o adúltero, salvo se o marido fosse peão ou fidalgo.

Os dados mostram que a infidelidade feminina era vista de forma distinta da infidelidade masculina. Nos gracejos, os ataques à imagem da mulher infiel refletem a mentalidade da época. O adultério feminino não era um assunto individual, mas coletivo. Ou seja, recaía sobre toda a família, repercutindo negativamente em seu meio.

Portanto, a honra do homem dependia não só do controle dos bens herdados pelo casamento, mas também da dominação sobre o comportamento de suas mulheres (esposa, filhas) nos espaços públicos. A boa imagem do homem público estava ligada ao “conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social” (D’INCAO, 2008, p.230). Certamente, o adultério era o pior infortúnio à imagem do homem.

---

<sup>74</sup> Conforme Mary Del Priore (2013), “o Código Penal de 1890 previa a anulação do casamento se o homem constasse que a mulher já não mais virgem a anulação do casamento se o homem constatasse que a mulher já não era mais virgem. As relações sexuais eram consideradas um direito conjugal e, por isso, o marido poderia usar de violência para realiza-las. A esposa não poderia se queixar de estupro”. (2013, p.56).

<sup>75</sup> Vejamos o código Penal de 1890, no tópico intitulado: “Do adultério ou infidelidade conjugal: Art. 279. A mulher casada que commetter adulterio será punida com a pena de prisão celllular por um a tresannos. § 1º Em igual pena incorrerá: 1º O marido que tiver concubina teuda e manteuda; 2º A concubina; 3º O co-réo adultero.

<sup>76</sup> Art. 279. A mulher casada que commetter adulterio será punida com a pena de prisão celllular por um a três annos. § 1º Em igual pena incorrerá: 1º O marido que tiver concubina teuda e manteuda; 2º A concubina; 3º O co-réo adultero.

## CAPÍTULO 4. SOGRAS: SUPLÍCIO DOS GENROS

“A anedota acabou entre risadas das moças”

(ASSIS, 1994, p. 4).

Este capítulo examina como a sogra é apresentada nas anedotas, mostrando-a como uma pessoa intrometida e onerosa. Isto é, a mãe da esposa é focalizada como fardo na vida dos genros.

Leiamos algumas das anedotas sobre este assunto: “Sabes qual é o melhor isolador para prevenir os efeitos da eletricidade? – Ora! E’ o vidro. – Enganas-te, é a minha sogra; tenho certeza que não há raio que a parta.”<sup>77</sup>.

O genro desta anedota deseja que sua sogra desapareça. Na verdade, lastima não haver um raio capaz de tal feito.

Em outra anedota, o genro mostra sua indignação com a presença da sogra em sua casa. Para ele, a convivência é motivo de pesar e tristeza. Observemos a anedota:

Ammigo como estás? – Não passa muito bem. – Morreu-te alguém. – Morreu-te alguém, rapaz? – Não me me morreu ninguém. Casei-me, não sabias?! Mas isso não te atraza?! Mas..., tenho há já três dias, minha sogra em caza<sup>78</sup>.

A sogra “trovoada” doméstica é um tema ainda de outra piada:

Certo individuo foi tratar aluguel com a dona de uma casa de commodos. – E’ grande a sua família? – Trez pessoas unicamente: Eu, minha mulher e minha sogra?! Ah! E o senhor mora com sua sogra?! - Moro sim. – Então não lhe posso alugar com nada... não gosto de trovoada em casa<sup>79</sup>.

Note-se que a visão negativa da sogra não é restrita ao mundo masculino. É também adotada por mulheres, como é o caso da locatária da anedota acima.

<sup>77</sup> O PALADINO. Aracaju, 06 de novembro de 1889, n. 03, p.3.

<sup>78</sup> O CAIXEIRO, Aracaju, Aracaju, 08 de agosto de 1891, n. 01, p.03.

<sup>79</sup> O CAIXEIRO. Aracaju, 16 de maio de 1891, n.03, p.03.

Outras vezes, o tema da sogra é reportado a personagens históricos. Em anedota, Henrique VIII da Inglaterra é apresentado como o homem mais infeliz do mundo por ter tido, ao mesmo tempo, sete sogras. Leiamos a narrativa:

Fallava-se n'uma reunião dos homens que mais soffereram no mundo. – Para mim, disse um dos presentes, o homem mais infeliz do mundo foi Henrique VIII da Inglaterra. – Porque? Perguntaram-lhe. – Porque houve um momento na sua vida em que teve vivas sete sogras.<sup>80</sup>

Noutra piada, a presença da sogra junto ao casal é abordada como infortúnio. Vejamos:

Num castelo de um marquês tinha um relógio muito pesado. Já não existe, porque um dia as estacas cederam ao peso e o relógio caiu, com grande estrondo. O mais curioso é que a sogra do marquês, quando o relógio caiu, tinha passado por baixo dele ainda não havia um minuto. O Marquês, quando fala no caso, acrescenta logo: - Sempre disse que este relógio andava atrasado.<sup>81</sup>

Na historieta acima, o marquês deixa escapar o desejo que a sua sogra morra. Neste contexto, “sogra boa é sogra morta”.

A morte do referido ser, em alguns casos, é motivo de risos dos genros.

O homem apresenta-se com um lenço atado, dando volta para cima da cabeça e por baixo do queixo, apertado. – O que foi isso? – Pergunta-lhe um amigo. – Dói-te a cabeça? Os dentes? Ou foi algum desastre? – Nada disso. Morreu a minha sogra. – Então? ... Morreu-te a sogra... e porque é que trazes os queixos amarrados? – E' para não me rir!<sup>82</sup>

O desejo do genro de rir é tão forte que ele tem que amarrar seu próprio queixo. A morte da sogra é uma libertação, motivo de alegria e graça.

Também há anedotas nas quais o noivo declara, já no altar, a sua antipatia para com a mãe da futura esposa.

Observemos:

Diante do altar: O sacerdote, antes de lançar a benção: - Se há algum impedimento, o declarem, sob a pena de excomunhão, etc. O noivo cocando

<sup>80</sup> O MATINAL, Aracaju, 16 de agosto de 1896, n.4, p.3.

<sup>81</sup> O MATINAL. Aracaju, 28 de setembro de 1896, n. 10, p.03.

<sup>82</sup> A PATRULHA. Aracaju, 02 de novembro de 1890, n.03, p.3.

a cabeça, diz: - À um impedimento, senhor padre, mas esse é monstruoso, é horrível... Sacerdote: - homem! Qual é ele? Noivo: - É... a minha sogra.<sup>83</sup>

Observemos os qualificativos que o genro atribuiu à sogra: monstruoso e horrível. Outra anedota mostra a sogra como expiação dos pecados do genro. Vejamos:

Quem aquela senhora tão volumosa que ocupa todo o sofa? Que bicho tão disforme! É um verdadeiro monumento. Expiatório, cavalheiro, expiatório ...é minha sogra!<sup>84</sup>

No texto, o genro diz ao amigo que sua sogra é a purgação de seus pecados. O “monstro” disforme é o seu verdadeiro tormento.

As sogras das anedotas são a personificação do Diabo. São mulheres briguintas, ciumentas, intrometidas e sagazes.

Sogras e genros, nos gracejos, vivem uma intensa medição de forças. Enfim, ela é inimiga da paz dos deles.

Consideremos estes estereótipos sobre a sogra quanto à procedência desta visão e o que motivava a manutenção dessa relação hostil entre elas e seus genros. Que significava na sociedade oitocentista rir da mãe do cônjuge?

A visão da sogra má possui fontes na mitologia grega, no cordel e no romance.

A sogra aparece em cores bastantes negativas na mitologia grega. Como exemplo, temos a história de Eros, Psiquê e sua terrível sogra – Afrodite<sup>85</sup>. No mito, a beleza de Psiquê

---

<sup>83</sup> **A PATRULHA.** Aracaju, 03 de novembro de 1890. n. 01, p 3.

<sup>84</sup> **A PATRULHA.** Aracaju, 02 de novembro de 1890. n.01, p.3.

<sup>85</sup> Na mitologia grega, Psiquê é uma mortal que tornou-se deusa do amor. O mito, narrado no livro *O Asno de Ouro* de Apulêio, conta que a beleza da mortal despertou a fúria de Afrodite, deusa da beleza e do amor, pois as pessoas deixaram de lhe prestar culto regular para admirar a extraordinária formosura da simples mortal. A deusa teve um acesso de raiva e pediu a seu filho Eros, deus grego do amor, também conhecido como Cupido, que usasse suas flechas encantadas para que a mortal se apaixonasse pela criatura mais desprezível do mundo. Ele a encontrou enquanto dormia e ficou tão encantado por sua beleza que, acidentalmente, aranhou a si mesmo com a flecha, apaixonando-se por Psiquê. Levou-a dali para um maravilhoso palácio e, apaixonado, mentiu para sua mãe, afirmando que havia destruído a rival. Durante muito tempo, Eros escondeu de sua amada sua identidade, proibindo-a de olhá-lo, mantendo encontros em absoluta escuridão. Mas, certa noite, não conseguindo conter sua curiosidade, Psiquê ascendeu uma lâmpada para finalmente ver a face de seu amante anônimo. Espantada e admirada com a beleza de seu marido, desastrosamente deixou cair uma gota de óleo quente sobre ele. Percebendo que fora traído, Eros enlouqueceu e sem pronunciar uma palavra, abriu suas belas asas e voou pela janela afora. O palácio e tudo o que ele continha desapareceu e ela, desesperada com seu erro, vagou dias e noites, sem comer e sem dormir, procurando seu amado, enquanto ele estava preso no quarto da mãe por causa de sua ferida. Afrodite, descobrindo que fora enganada e mantendo Eros sob seus cuidados, decide atacar sua inimiga. Prometendo-lhe ser a única maneira de recuperar o amor de Eros, impôs à princesa uma série de tarefas árduas. Desta forma, surge a lenda dos *Quatro Trabalhos de Psiquê*. Com a ajuda de outros deuses e para

é um dos grandes causadores do ódio e inveja de Afrodite, sua sogra. Por conta da cobiça, esta torna a vida da nora um tormento.

Os tormentos que Afrodite inflige a sua nora são inúmeros.

Na primeira tarefa, Afrodite obriga Psiquê a separar milhares de grãos de trigo, cevada, feijões e lentilhas, serviço que demoraria quase toda uma vida para ser executado. Na segunda, Afrodite ordenou que sua nora lhe trouxesse lãs dourada tiradas de carneiros indóceis. A terceira missão consistia em Psiquê recolher água de uma fonte protegida por um feroz dragão. A última tarefa imposta por Afrodite a sua nora consistia em Psiquê buscar no Hades um pouco da beleza da irmã de Plutão, Perséfone.

Vê-se, pois, que a visão negativa da sogra tem fundas raízes na cultura ocidental. O confronto entre Afrodite e Psiquê é um indício desta antiguidade. Na narrativa mitológica, vemos que Afrodite faz de tudo para afastar Psiquê do seu filho Eros (SILVA, 2008). Esta relação tempestuosa das duas nos faz pensar na continuidade desta visão nos gracejos aqui analisados.

Nas anedotas oitocentistas, não encontramos nenhuma relação tempestuosa entre noras e sogras. Todavia, isto não implica dizer que estes conflitos não existissem. Talvez no modelo patriarcal fosse mais apropriado rir da sogra do marido do que da sogra da esposa.

Outra possível fonte de inspiração para as anedotas negativas sobre sogra é a literatura de Cordel. Os exemplos são muitos. Dentre eles, podemos citar os cordéis do paraibano Leandro Gomes de Barros<sup>86</sup>.

A imagem da sogra que aparece nos cordéis de Leandro Gomes, assim como nas anedotas examinadas, centra-se na relação hostil entre sogra e genro<sup>87</sup>.

Outra possível fonte de origem deste estereótipo da sogra é o romance do século XIX. Um grande exemplo desta imagem negativa da sogra é oferecido pelo romance **Um livro de uma sogra**, de Aloísio de Azevedo (1895)<sup>88</sup>.

A obra conta a história de um casamento destruído pela sogra. No enredo, a mãe da esposa decide tudo na vida do casal. A obra destaca os feitos de uma mãe que chega a

desespero de Afrodite, ela conseguiu realizar as tarefas julgadas impossíveis, casar-se com Eros e tornar-se imortal. Ver mais: SOUSA, E. **História e Mito**. Brasília: Ed. UnB, 1981.

<sup>86</sup> Leandro Gomes de Barros, paraibano nascido em 19/11/1865, na Fazenda da Melancia, no município de Pombal, é considerado o rei dos poetas populares do seu tempo. Começou escrever folhetos em 1889 e seus primeiros impressos datam de 1893.

<sup>87</sup> Eis uma pequena lista dos principais cordéis do autor sobre sogra:

**A alma de uma sogra**. Fortaleza: Tupynanquim, 2004; **Como se amansa uma sogra**. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1976; **A sogra enganando o diabo**. Fortaleza: Tupynanquim, 2004; **Um susto em minha sogra**. Recife: s. e, 1911; **Vacina para não ter sogra**. Recife: [s. n.] 1917.

<sup>88</sup> Ver: AZÉVEDO, Aluísio de. **O livro de uma sogra**. São Paulo: Nova Agiar, 2005.

escrever um manual de regras sobre como viver bem uma vida conjugal. Ela utiliza suas experiências conjugais para ensinar a filha e ao genro tudo que eles deveriam fazer para terem uma feliz vida conjugal.

A sogra é representada no romance de forma caricatural. Ela aparece como um ser despótico e diabólico. Isto é, a sogra, no romance, é representada como uma serpente que manipulava a vida conjugal da filha e do genro<sup>89</sup>.

Outro exemplo vem da literatura oitocentista do livro de contos do escritor português José Valentim de Almeida Fialho<sup>90</sup>. Na obra intitulada **O País das Uvas**, escrito em 1893, um dos contos relata a história de um homem casado cuja relação com a sogra não é pacífica.

Em outro conto, a sogra comparece como “a velha”. O próprio estereótipo devotado à sogra dá claros sinais do tratamento pejorativo.

Nos exemplos há a imagem negativada da mãe dos cônjuges. A sogra é retratada como a personificação do demônio. Esta, como os infortúnios vividos pelos genros, aparecia de forma constante na pena de escritores oitocentistas.

A imagem negativa da sogra foi frequente em diversos gêneros da literatura. A historiadora Joana Maria Pedro (1997) encontrou diversos provérbios, quadrinhas, poemas, charadas e anedotas retirados do **Jornal do Comércio**, na década de 1880, relativos à sogra<sup>91</sup>.

Consideremos a função deste estereótipo negativo da sogra quanto a sua função no contexto da época.

Para entender o papel dos estereótipos negativos das sogras é preciso conhecer o casamento e a família da época.

Observemos as relações conjugais e familiares para entender o papel da sogra.

A socióloga Gabrielle Houbre (2005)<sup>92</sup> chama a atenção para o papel das mães do século XIX. Elas assumem dois papéis: cuidar da casa e da educação das filhas até o

---

<sup>89</sup> Trecho da obra que mostra o estereótipo negativo da sogra Olímpia construída pelo narrador: “E a serpente?... — Que serpente?! — Ora, qual há de ser? A fúria infernal, o diabo de saias, tua sogra!” (AZÊVEDO, 2005, p. 3).

<sup>90</sup> Para conhecer mais sobre a personalidade do escritor português, ver: RODRIGUES, Maria Inês Martins Birrento do Nascimento. **Arte, Crítica e Sociedade na Obra de Fialho de Almeida**. Dissertação de mestrado em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

<sup>91</sup> No jornal do Comércio, da década de 1880, os editores reservavam um espaço para anedotas e quadrinhas relativas à sogra. Ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul**. In: História das mulheres no Brasil. (Org.) Mary Del Priore. 2. ed., São Paulo: Contexto, 1997, p. 278- 321.

- O senhor já experimentou o remédio do Dr. Lacerda contra mordedura de cobras? – Já, e posso afirmar que é infalível. Faço uso dele todas as vezes que brigo com minha sogra (Jornal do Comércio, 30 de jan. 1883, nº 16). Aos namorados, quem se casar nesta terra não morre com sua sogra, porque sossego não logra, e vive em contínua guerra: grita o genro, a filha berra, urra a sogra destemida, acode a chusma atrevida, dos cunhados fariseus, e por milagre de Deus, escapa um homem com vida (Jornal do Comércio, 1886).

casamento. Quando estas assumem a missão de esposa, as mães perdem a função, ficando órfãs. Este sentimento também era compartilhado pelas filhas, cujo casamento com um homem estranho gerava vazio e angustia, pois agora deveriam submeter-se à tutela dos esposos.

A socióloga destaca um desabafo da Condessa Gasparini com a experiência do casamento: “O absolutismo do amor materno e o absolutismo do amor conjugal se destroem (...): ambos reivindicam a autoridade suprema, ambos a posse do coração; e, enquanto mantêm esta ambição, excluem-se mutuamente” (apud, GASPARIN, 1843, t. 2, p. 134, 136).

No Brasil oitocentista, recorremos a Gilberto Freyre (2003) para entender as mudanças na relação mãe-filha ocorridas ao longo do século XIX. A família patriarcal abrigava pai, mãe, filhos e agregados. Para Gilberto Freyre, o modelo patriarcal de família tinha como natural a presença de outros indivíduos na casa além dos esposos. A presença da sogra (mãe dos cônjuges) representava uma dessas figuras de parentela.

A partir da segunda metade do século XIX, este quadro muda. Nas famílias, as críticas feitas pelos genros às sogras indiscretas e abusivas cresceram, sobretudo nas últimas décadas do século XIX. O novo ideal de família tornava a sogra uma presença inoportuna. Cada vez mais o modelo familiar ideal passou a ser a nuclear (esposo, esposa e filhos). Conforme Maria Pedro, o novo ideal de família passou a ser “uma família restrita a pai, mãe e filhos (...)” (PEDRO, 1997, p.287).

Neste novo modelo, a figura da sogra passou a ser negativa, por esta interferir no relacionamento conjugal de sua filha. Nos termos de Joana Pedro (1997), a família patriarcal aos poucos foi dando lugar, pelo menos nos grandes centros urbanos, a uma família mais restrita. O fato pode ser percebido, dentre outras coisas, na reorganização arquitetônica das casas. Um quarto para o casal, e quartos para os filhos (separados por sexo). Dessa forma, a presença da sogra era um estorvo que precisava ser repellido.

Consideremos que, entre as últimas décadas do século XIX e o alvorecer do século XX, houve intensa preocupação em modernizar a família. Cada vez mais, o modelo familiar extenso perdia força e, conseqüentemente, a sogra perdia a sua função. A sua presença interferindo diretamente na vida da filha e dos netos passava a não mais compor o modelo “civilizado” de família.

---

<sup>92</sup>Ver essa discussão em: HOUBRE, Gabrielle. **O casamento e as recomposições familiares: o exemplo da relação mãe-filha na França do século XIX**. Trad. Vera Lucia Soares. Revista Gênero: V.5, n.2, p.51-64, 1. 2005.

As famílias burguesas que insistissem na manutenção de agregados, como a sogra, tornavam-se objetos de reprovação social, dentre outros meios, através do gracejo.

Nas anedotas, a luta entre sogras e genros pela tutela da filha/esposa faz das primeiras alvo de risos. O humor se torna um meio de negatização da sogra. Os estereótipos negativos lançados sobre a sogra têm uma razão principal: servir aos genros na luta contra as sogras. O ridículo foi um meio de neutralizar a influência das sogras no interior das famílias.

A hostilidade dos genros para com as mães de suas esposas também pode ser explicada apelando-se para o traço próprio da família patriarcal: o apego das mães às filhas. Para muitas mães, a chegada do marido, embora esperada e programada, modificava consideravelmente a sua relação com a filha. O casamento desta representava o fim da tutela e dos cuidados maternos. O casamento, implicado na presença do genro, ameaçava a relação de confiança e dependência existente entre mãe e filha.

Gabrielle Houbre (2005) destaca um desabafo de uma mãe da velha tradição patriarcal inconsolada com o casamento da filha. “Eu não tenho mais filha, este homem me roubou sua afeição e usufrui sozinho do prêmio do meu amor e de meus sacrifícios!” (apud, BAUTAIN, 1861, t. 2, p. 256).

O casamento da jovem representava o fim da tutela maternal e o início da tutela marital. Muitas mães, para manter-se presente na vida de suas filhas, mesmo casada, criavam inúmeros pretextos, como ajudar a cuidar do neto, para que pudessem estar presentes na vida das filhas. Esse desejo tornava a sogra, aos olhos do seu genro, sua inimiga.

O fim do controle materno sobre vida da filha fez surgir entre sogras e genros um forte antagonismo. De um lado, havia a mãe que reivindica a posse sobre o coração da filha, do outro, estava o marido que reclama seu poder marital no casamento. O matrimônio faz emergir em duas forças simbólicas sobre a vida da filha e esposa: o culto da mãe educadora e a dominação masculina do esposo. Dessa disputa entre sogras e genros nascem as hostilidades entre ambos. Sogra e genro disputavam o controle da filha/esposa.

Gabrielle Houbre destaca o papel de avó como uma importante arma da sogra para estar no controle da vida conjugal de sua filha. A chegada do primeiro neto revestia a figura da avó de uma importância singular. A autora destaca que a tradição regia que a filha fosse para a casa da mãe na época do parto, o que era uma maneira de renovar a importância do poder maternal.

Essa dupla influência da mãe/avó sobre a filha fazia surgir nela uma tutela maternal que transcendia a vida conjugal da filha. Não podemos esquecer que, durante o século XIX, a

tradição delega à mãe/ avó o cuidado do parto da filha. Ela, e não o marido, era a primeira da família a pegar o bebê, antes mesmo da própria genitora.

Após o nascimento da criança, a filha retomava a sua casa já preparada para as próximas maternidades e, em sua própria esfera de autoridade, permitia a presença e influência da mãe no nascimento dos outros filhos. A socióloga Houbre assinala que “essa norma se mantém pelo menos até o período do entre guerras [1917-1945], quando os partos no meio hospitalar começam a substituir as práticas de parto em casa” (2005, p.9).

Consideremos o estereótipo negativo da sogra quanto ao seu significado.

Os estereótipos negativos presentes nas anedotas sobre a sogra parecem revelar o temor do genro de ser vigiado e controlado. O marido temia perder o controle da relação conjugal.

O riso, provocado pelas historietas deprecia o papel da sogra. Por meio da violência simbólica, o papel da mãe de sua esposa é rebaixado. O estereótipo é, em síntese, fruto da mentalidade masculina.

A imagem da sogra como tormento do genro é vista como uma **Representação**, tal como conceituada por Roger Chartier. Conforme ele, a noção de representação refere-se à atividade de classificar, dividir e delimitar o mundo social. Isto é, a organização em categorias fundamentais de percepção e apreensão do mundo real.

As piadas sobre sogras podem ser vistas como uma “luta de representações”, manifestando um jogo de forças entre elas e seus genros.

## CONCLUSÃO: CASTIGANDO OS COSTUMES

A anedota é “uma pintura mural de costumes, refletindo as tendências e orientações da sociedade que as aplaudi e faz circular velozmente” (CASCUDO, 2006, p.69).

O exame até aqui realizado nos levou às seguintes conclusões.

Primeiro, as piadas sobre mulheres devem ser entendidas num contexto de contenda entre os gêneros. Para entendermos os gracejos contra as mulheres, devemos levar em consideração às transformações ocorridas no papel feminino na sociedade brasileira oitocentista.

Ao longo do século XIX, o Brasil sofreu um conjunto de transformações. Houve uma ampliação das cidades e muitas modificações dos costumes. Cada vez mais, as fronteiras entre o público e o privado ganhavam visibilidade, possibilitando novas alternativas de convivência social para as mulheres. Neste novo contexto, novos perigos vieram ameaçar a ordem masculina.

A vida citadina libertou o sexo feminino da alcova e o tornou visível. Essa nova mulher, segundo Maria D' Incao (1997), passou a frequentar cafés, teatros, bailes e outros espaços. Todavia, essa liberdade levou o homem (pai/esposo) a aumentar a vigilância sobre as mulheres da sua família.

Outro ponto é que através do ridículo, os autores das piadas combatiam os comportamentos públicos femininos considerados inconvenientes ou inadequados.

Para evitar tais comportamentos, foram inventadas diversas estratégias. Dentre elas, estava a arma do ridículo. O riso foi uma estratégia utilizada pela ordem masculina para manter o controle sobre as mulheres naquele novo contexto.

A função das anedotas é estigmatizar comportamentos tidos como desviantes e indesejáveis. A mulher retratada nas anedotas foi estereotipada, apresentada como pouco inteligente, leviana, astuta e perturbadora da vida masculina. Enfim, um perigo constante para o homem.

As mulheres que rompiam as fronteiras do “bom” comportamento encarnavam a figura da libertina, da mulher de “vida fácil”, simbolizando o contra modelo da figura de mãe e boa esposa idealizada pelos reformadores, higienistas e moralistas do século XIX.

Também foi percebido que as anedotas atualizam velhos estereótipos sobre a mulher.

Elas procedem da literatura, da mitologia e da ciência médica. Na literatura, frequentemente a mulher é retratada como um ser submisso, inferior e perigoso. Também na mitologia, a mulher é apresentada de modo negativo. Um caso exemplar é Pandora, na mitologia grega, e Eva, na mitologia judaica cristã. A ciência médica, por sua vez, concebe a mulher como um ser organicamente inferior ao homem.

No Brasil da segunda metade do século XIX, esses modelos foram conservados. A mulher continuou sendo vista como “burra”, emotiva e frágil. Os seus talentos se restringiam mais ao lar do que à vida pública.

A imagem da mulher burguesa, nosso objeto de pesquisa, não fugiu desse padrão. A figura feminina cidadã, apesar de ter conquistado a liberdade de frequentar lugares públicos, não era livre para tomar suas decisões. O poder marital ainda se fazia presente.

As piadas devem ser entendidas num contexto em que a mulher burguesa sai de casa e os riscos de desvios são maiores. As piadas visam prevenir tais riscos.

As anedotas expressam os temores básicos do burguês casado em relação ao comportamento de sua esposa: ser traído e passar sua herança para o filho de outro. A infidelidade feminina era uma força desagregadora da boa imagem do homem casado e da reputação de sua família. Rir das adúlteras era um meio de prevenir este comportamento.

O riso contra a mulher expresso nas anedotas é uma manifestação da chamada “dominação masculina”. Tal dominação é resultado de uma herança patriarcal. A sociedade burguesa oitocentista reproduziu, em grande medida, padrões de comportamentos do patriarcalismo. Dentro desta ordem, o que está em jogo é a manutenção do poder do homem.

Este poderio atribuía ao homem a decisão quanto aos padrões sociais e às distinções entre os gêneros. Todavia, como lembra Pierre Bourdieu, a mulher é conivente com esta dominação. Desta forma, mesmo para elas, a virilidade e a feminilidade são entendidas como naturais e incontornáveis, não como resultantes de estruturas históricas determinadas. Inconscientemente, as mulheres aceitavam tais concepções.

Essas distinções entre gêneros são facilmente percebidas nas anedotas examinadas. Nelas, há uma clara separação entre o universo masculino e o feminino. Assim, há nas historietas comportamentos próprios da mulher e do homem.

Nas anedotas, a mulher é retratada predominantemente no espaço familiar ou privado. As piadas versam sobre mulheres casadas ou que estão no âmbito da vida íntima.

A análise permitiu classificar as anedotas contra a mulher como um conjunto de representações. Pois, as piadas têm o feitiço grupal e são utilizadas como armas de luta política entre os gêneros.

Assim sendo, os gracejos não são discursos neutros, mas armas simbólicas contra as mulheres. A ordem masculina tem necessidade de vincular a imagem feminina a aspectos de fragilidade, submissão, perturbação e pouca inteligência. As instituições e os discursos, assim como a família, são responsáveis pelo preconceito desfavorável da representação feminina.

Enfim, as piadas oitocentistas sobre a mulher expressam uma velha função do humor: castigar os costumes. Já que, o riso provocado pelas anedotas foi um instrumento utilizado para fazer com que mulheres não saíssem dos trilhos. A figura feminina cidadina deveria conhecer bem seu papel e posição na sociedade. Ela deveria cuidar da sua imagem, vestimenta e linguagem. Mulheres astutas, maliciosas, histéricas e independentes seriam contra modelos. Rir de mulheres deselegantes ou levianas era uma ótima maneira de inibir que outras seguissem tal exemplo.

Embora as anedotas ridicularizem principalmente as mulheres, algumas delas também caçoavam dos homens. Desta forma, são motejados homens complacentes com o adultério de suas esposas e maridos submissos ou que apresentassem pouca inteligência ou astúcia em relação à mulher. Dessa maneira, conclui-se que o riso servia, em última análise, para pôr homens e mulheres nos trilhos. Podemos ver as anedotas como uma polícia dos costumes.

## FONTES UTILIZADAS

### IMPRESSAS: Acervo da Hemeroteca Epifânio Dória

#### a) JORNAIS

1. O Caixeiro, Aracaju, 08 de agosto de 1891, n.01, p.03.
2. \_\_\_\_\_, Aracaju, 16 de maio de 1891, n.03, p.03.
3. O Matinal, Aracaju, 02 de agosto de 1896, n.2, pgs. 3 e 4.
4. \_\_\_\_\_, Aracaju, 09 de agosto de 1896, n.3, p.3.
5. \_\_\_\_\_, Aracaju, 16 de agosto de 1896, n.4, p.3.
6. \_\_\_\_\_, Aracaju, 15 de agosto de 1894, n.4, p.3.
7. \_\_\_\_\_, Aracaju, 30 de agosto de 1896, n.6, p.3.
8. \_\_\_\_\_, Aracaju, 28 de setembro de 1896, n.10, p.3.
9. \_\_\_\_\_, Aracaju, 08 de novembro de 1896, n.16, p.3.
10. \_\_\_\_\_, Aracaju, 20 de agosto de 1896, n.17, p.03.
11. \_\_\_\_\_, Aracaju, 28 de setembro de 1897, n.20, p.3.
12. \_\_\_\_\_, Aracaju, 04 de janeiro de 1897, n.23, p.3.
13. \_\_\_\_\_, Aracaju, 30 de maio de 1897, n.47, p.3.
14. \_\_\_\_\_, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p.03.
15. O Paladino, Aracaju, 06 de novembro de 1889, n.6, p.3.
16. \_\_\_\_\_, Aracaju, 05 de setembro de 1889, n.7, p.3.
17. \_\_\_\_\_, Aracaju, 10 de novembro 1889, n.10, p.03.
18. A Patrulha, Aracaju, 02 de novembro de 1890, n.01, p.3.
19. \_\_\_\_\_, Aracaju, 03 de novembro de 1890, n. 01, p. 3.
20. \_\_\_\_\_, Aracaju, 25 de junho de 1890, n.04, p.3.
21. O Periquito, Aracaju, 25 de julho de 1894, n.04, p.3.
22. \_\_\_\_\_, Aracaju, 20 de junho de 1895, n.10, p.3.

## b) DICIONÁRIOS DE ÉPOCA

**BLUTEAU**, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico (...) Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728.

**PINTO**, Luiz Maria da Silva. Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

## c) LITERATURA

ALENCAR, José de. **Diva**. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lucíola**. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Senhora**. São Paulo: Paulus, 2005.

ALMEIDA, José Valentim Fialho de. **O País das Uvas**. Lisboa: Livraria Clássica. 1893.

ASSIS, J. M. Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. O conto da Vara. IN: **Obras Completas**. Vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AZÊVEDO, Aluísio de. **O livro de uma sogra**. São Paulo: Nova Agiar, 2005.

BARRETO, Tobias. Crítica política e social. In: **República 100 anos: A Liberdade abre as asas sobre nós**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Edson Leandro. **Hostilidade à sogra: Negação de uma compulsão incestuosa.** IV Colóquio de História. Abordagens interdisciplinares sobre a História da sexualidade. UNICAP.

Disponível em <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Colp.365.pdf>. Acessado em 04 de março de 2015.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** Nova Edição, revista e ampliada. 2ª impressão. Editora Palus: São Paulo, 2003.

BORGES, Urquiza Maria. **A sublimação da mulher na cena burguesa.** IN: Imagens da Mulher. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, nº 53,1995, p. 37.

BORELLI, Andrea. **Matei por amor: representações do masculino e do feminino nos crimes passionais.** São Paulo: Celso Bastos Editor, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Global, 2006.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura.** São Paulo: Liberdade, 1996. p. 77-105.

\_\_\_\_\_. **Á Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 72.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher.** São Paulo: Planeta, 2013.

D' INCAO, M. A. (org.) **Amor e Família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

D' INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In. **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi (coord). 2 ed. – São Paulo: Contexto, 1997.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FRANZÓ, Josiane Aparecida. **Perfis femininos da sociedade brasileira em romances de Macedo, Alencar e do jovem Machado**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Literatura, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92743>. Acessado em 05 de abril de 2015.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso. Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república**. 6ª ed., São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 14 ed., São Paulo: Global, 2003.

Fundação Casa Rui Barbosa. **Biografia: Leandro Gomes de Barros**. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html). Acessado em 14 de maio de 2015.

GUERREIRO, A. Machado. **Anedotas: Uma Contribuição para o Estudo (com cerca de dois mil espécimes)**. 10ª Edição. 1º Vol. Editora de Revista e Livros: Lisboa, 1996.

LEITE, Míriam Moreira; MASSAINI, Márcia Ignez. Representações do Amor e da família. IN: D' INCAO, M. A. (org.). **Amor e Família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989, p. 72-93.

LIMA, Raquel dos Santos. **Ser mãe: o amor maternal**. Disponível em: file:///C:/Users/Aline%20Rocha/Downloads/Dialnet-SerMae-4740643.pdf. Acessado em 01 de abril de 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Mulher na sala de aula. In. **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi (coord). 2 ed. – São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

MALUF, M. M. e MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In. (dir) NOVAIS, F. A. (org) SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: vol.3. Cia das Letras, 1998.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAIS, José Machado. **A imagem da mulher e os rituais de galantaria nos meios burgueses do século XIX em Portugal**. Revista Análise Social vol. XXII 92-93, 1986 -3.º- 4.º, 751-768. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223483009Y6mRF5kx1Ge77VO8.pdf> . Acessado em 19 de março de 2015.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª edição, 2006.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Hileia das letras: periodismo e vida literária em Manaus. In: **Impressos no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. (Org. Bragança e Aníbal). São Paulo: Editora Unesco, 2010.

RODRIGUES, Maria Inês Martins Birrento do Nascimento. **Arte, Crítica e Sociedade na Obra de Fialho de Almeida**. Dissertação de mestrado em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17579/1/Tese%20Ines%20Rodrigues\\_Fialho.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17579/1/Tese%20Ines%20Rodrigues_Fialho.pdf)  
. Acessado em 12 de maio de 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. IN: PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 333- 358.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Sempre Bela". IN: PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 105- 125.

SILVA, G. Cerqueira Corrêa; et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Revista SBPH [online]. 2005, vol.8, n.2, pp. 65-76. ISSN 1516-0858. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582005000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006) . Acessado em 28 de março de 2015.

SILVA, J. I.S. **A Representação da Sogra na Obra e Leandro Gomes De Barros**. Dissertação de mestrado em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba. CAMPINA GRANDE – PB, 2010. Texto disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp137973.pdf>. Acessado em 08 de maio de 2015.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In. História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi (coord). ). 2 ed. – São Paulo: Contexto, 1997.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Corpo e ética: Corpo de mulher e violência simbólica**. Revista Tempo e Presença, nº 322, março/abril de 2002. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/uploads/TP%20322.pdf>. Acessado em 28 de março de 2015.

VASCONCELLOS, Eliane. **Não as matem.** Fundação Casa de Rui Barbosa. Texto disponível em: [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br). Acessado em 24 de fevereiro de 2015.

VERONA, E. M. **Da feminilidade oitocentista.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

#### **DICIONÁRIOS UTILIZADOS:**

BIROU, Alain. **Dicionário de ciências sociais.** Lisboa: Dom Quixote, 1966.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. 2009.

JAHODA, Marie. **Dicionário de Ciências Sociais.** 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

# ANEXOS

## 1- ANEDOTAS COLETADAS

### ANEDOTA 1

Um rapaz, vendo que sua senhora lia com muita atenção a última página de um dicionário de Constâncio, perguntou-lhe: - Que está a senhora procurando tão aplicada! – Estou vendo se acho aqui o indês das palavras que contém este dicionário.

(Matinal, Aracaju, 04 de janeiro de 1897, n. 23, p.3).

### ANEDOTA 2

Estando de visita uma senhora toda espivitada em casa de uma amiga, onde também se achavam outras pessoas de fóra, veio o café algum tanto forte, e aquella não o quis tomar. A dona da casa insistio, e ella respondeu: - Está muito forte; o café para mim há de ser uma simples sujidade.

(O Matinal, 08 de novembro de 1896, n. 16, p.3).

## ANEDOTA 3

No toucador:- Que cabelos prefere hoje a senhora? – Os mais negros. Vou fazer uma visita de luto pesado.

(O Matinal, Aracaju, 04 de Janeiro de 1897, n. 23, p.03).

## ANEDOTA 4

Certa senhora tida em grande conta, achando-se em uma sociedade, disse – Morreu fuão por seu testamenteiro a fuão. Rirão-se os circunstantes, em Coimbra, onde se aprende a falar assim se chama dou testemunha meu mano que é bacharello em lezes.

(O Matinal, Aracaju, 15 de agosto de 1894, n.04, p.3).

## ANEDOTA 5

Falla-se em religião:- Então, você o que é?- Atheu. - E sua mulher?- Atoa.

(O Matinal, Aracajú, 09 de agosto de 1896, n03, p.3).

## ANEDOTA 6

## Mandamentos para a Mulher

O primeiro – Amar um homem sobre a todas as mulheres.

O segundo – Não lhe jurar amor em vão.

O terceiro – Acredital-o

O quarto- Estimal-o como a seupae e sua mãe.

O quinto – Não esquecel-o.

O sexto – enganal-o.

O sétimo – se zelosa.

O oitavo – Não dar desgostos, nem fingir.

O nono – Não desejar mais que um próximo.

O décimo – Não desejar os noivos alheios.

(Jornal O Matinal, Aracaju de 02 de agosto de 1896, n 2, p.3).

## ANEDOTA 7

Mandamentos para o homem

O primeiro – Amar a uma mulher como a todas as mulheres.

O segundo – Não lhe jurar amor em cheio.

O terceiro – Acreditar em uma, como crer em outra.

O quarto- Estimular-a como Adão ao fruto proibido.

O quinto – Nunca D' ellas se lembrar.

O sexto – enganar-a sempre.

O sétimo – Fingir-lhe ciúmes.

O oitavo – dar-lhe poucos gostos, e muitas simulações.

O nono – Desejar a todas que lhe estiverem próximas.

O décimo – Desejar a noiva alheia se já não tiver a sua.

Se resumem em dois, a saber: amar a todas as mulheres e não se captivar a nenhuma.

(O Matinal, Aracaju de 02 de agosto de 1896, nº 2, p.4).

## ANEDOTA 8

O Imperador Carlos V, vivamente apaixonado pelo Duqueza Medinaceli, propoz-lhe secretamente uma entrevista de amor. – Senhor, lhe respondeu esta virtuosa princesa, se eu tivesse duas almas, com prazer arriscaria uma por sua Majestade, mas não tendo senão uma, não quero perde-la.

(O Matinal, Aracaju de 02 de agosto de 1896, nº 2, p.3).

## ANEDOTA 9

Uma noite, estando reunidos em uma sala algumas pessoas a brincar prendas, diz uma moça, a uma das visitas. –Sr. F. quando as pragas cantam em nossos ouvidos, o que dizem? Seria: V... o dorme hoje aqui? O interpelado vendo que já eram onze horas, sem saber o que responderia a esta maliciosa indiscrição, disse: - Não, minha senhorita, vou já para casa.

(A Patrulha, Aracaju, 3 de novembro de 1890, n. 01, p. 3).

## ANEDOTA 10

Em um bonde. Entra uma senhora extremamente gorda. -Este elefante não cabe aqui, diz baixinho ao seu companheiro um velho gaiato. A senhora senta-se e voltando-se para o velho respondeu-lhe:- Cavalheiro tem razão, estes bondes deviam ser grandes como a barca de Noé de modo a poder conter todos os animais desde o elefante até o asno.

(O Periquito, Aracaju, 25 de junho de 1894, nº 04, p.3).

## ANEDOTA 11

A esposa sacode o marido que está dormindo e dá uns guinchos medonhos. – Acorda Fernando, acorda! – Mas o que é, mulher? – Estavas com um terrível pesadelo! – Não, meu bem; cortaste –me um sonho delicioso e isso não te perdôo. Oh! Homem de Deus, olha que davas uns gritos desesperados! – Estava cantando uma aria no Theatro Lyrico. – E era aquillo que cantavas?... Pois fique sabendo que te evitei umas pateadas.

(O Matinal, Aracaju, 28 de setembro de 1896, n. 10, p.3).

## ANEDOTA 12

Um viúvo cinco vezes. Tendo lhe alguém perguntado a qual das suas mulheres com mais ardor tinha amado. Respondeu: Fallo-lhe franco, igual a quem se confessa. Estimei mais a primeira, porque morreu mais depressa.

(O Matinal, Aracaju, 04 de janeiro de 1897, n 23, p.03).

## ANEDOTA 13

Um homem, vertendo abundantes lágrimas, acompanha ao cemitério os restos mortaes de sua mulher. - Coragem, diz-lhe um amigo, não chores, não desesperes tanto. - Tens razão, respondeu-lhe o viúvo, enxugando o pranto, esta é a primeira vez que saímos juntos sem brigar.

(O Matinal, Aracajú, 30 de agosto de 1896, nº 06, p. 3).

## ANEDOTA 14

Na véspera do casamento passeava Nhônhô com sua noiva. Encontra um amigo a quem pede um cigarro. Como, diz a noiva, não sabia que fumavas. – E' verdade, não fumo; mas quando estou aborrecido serve-me de distração.

(A Patrulha, Aracaju, 25 de junho de 1890, n.04, p.3).

## ANEDOTA 15

A mulher de Demosthenes tinha tão mau genio que um dia, aborrecida com o marido, apanhou um jarro cheio de agua e arrojou-lh'a no rosto o philosopho, sem perder a calma e sorrindo disse. - Sempre receiei que tanta trevoada viesse a dar em chuva.

(O Matinal, Aracaju, 20 de julho de 1897, nº 59, p.03).

## ANEDOTA 16

Dizia Luiz XVI: - Mas facilmente porei de accordo as potencias da Europa do que duas mulheres.

(O Matinal, Aracaju, 30 de maio de 1897, nº 47, p.3).

## ANEDOTA 17

Que cousa exquisita é o amor! Disse ultimamente um homem em uma companhia. – Quando me casei com minha mulher quasi que a sufoco com meus abraços. E hoje a arrependo de não a ter suffocado.

(O Matinal, Aracaju, 08 de novembro de 1896, n.16, p.3).

## ANEDOTA 18

Dois amigos encontram-se após muitos anos sem se verem: - E' como vai essa encantadora rapariga com quem tu casaste? – pergunta um deles. – E' um anjo... – Que sorte! A minha ainda é viva.

(A Patrulha, Aracaju, 02 de novembro de 1890, n.01, p.3).

## ANEDOTA 19

E' melhor prender-me. Bati na cabeça da minha mulher com um pau. – Matou-a.

– Julgo que não. E' por isso que quero que me prenda.

(O Matinal, Aracaju, 16 de agosto de 1896, n.04, p.3).

## ANEDOTA 20

José como se chama um homem casado, a quem morreu a mulher? – Viúvo. –

Cinco letras .....é isso. E um homem a quem morreu a mulher e torna-te a casar?

– Uma besta!

(O Paladino, 06 de novembro de 1889, n.6, p.3).

## ANEDOTA 21

Senhor, compre-me estas flores para a mulher que amas. – Eu não amo ninguém! Sou casado!

(O Paladino, Aracaju, 06 de novembro de 1889, n.6, p.3).

## ANEDOTA 22

Certo individuo, que ralhava dadas vezes com sua mulher, foi repreendido por um amigo. – Não faça isso, respondeu ele, nós somos como as cabras que brigão de dia, mais juntão-se de noite!

(O Matinal, Aracaju, 16 de agosto de 1896, n. 04, p.3).

## ANEDOTA 23

Uma mulher, que não acomodou uma filha que chorava acordou o marido que dormia a somno solto pedindo-lhe que a ajudasse a acalantar a criança como o fundamento de que ambos são interessados no negocio. Não há duvida, respondeu o marido virando-se para o outro lado. Accomoda tu a tua parte, que eu deixo gritar a minha.

(O Periquito, Aracaju, 25 de julho de 1894, n.04, p.3).

## ANEDOTA 24

Um homem que não dormia há três noites com sua mulher a gemer de dôr, resolveu mandar chamar o médico. Após algumas horas, o médico retorna a sala. – E ai doctor, minha mulher morreu? Não. – Curou-a? Infelizmente, não. Pois si não cumpriu nenhuma das condições como quer que eu lhe pague?

(O Matinal, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03).

## ANEDOTA 25

Sabe quem é esta rapariga tão faladora? – Sei sim; é a minha mulher. – Desculpe. Cometi um erro. – Não. Não cometeu. Quem cometeu fui eu, casando com ela.

(O Matinal, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03).

## ANEDOTA 26

Entre amigos: - Vou me divorciar. Minha mulher há dois meses que não me fala. – Pois pensa duas vezes e olha que sorte dessas não se tem todos os dias.

(O Matinal, Aracaju, 30 de agosto de 1896, n.6, p.3).

## ANEDOTA 27

E porque é que te vais separar de tua esposa? – Não a posso suportar. A principio quando me chegava a ella, sentia-lhe o coração a bater!... – sim? E agora? – Agora... a única coisa que lhe sinto bater é a mão.

(O Matinal, Aracaju, 09 de agosto de 1896, n.3, p.3).

## ANEDOTA 28

O Sr/nr. André, era um bello moço; trajava sempre no rigor da moda; graças ao seu alfaiate, ou pro outra, aos seus alfaiates, pois os que tinha, fiavam. Além disso era muito boa pessoa, mas... sem eira , nem beira... Por isso, resolveu casar-se... com moça rica

( O Matinal, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03).

## ANEDOTA 29

No século XX: - Então o senhor dá sua filha, minha noiva 100 conto de dote? E' pouco. Repare meu futuro genro que quando eu morrer tudo pertencerá a rapariga. – Perfeitamente! E quando o senhor, pouco mais ou menos, pretende o senhor morrer? (O Matinal, Aracaju, 20 de agosto de 1896, n. 17, p.03).

## ANEDOTA 30

Uma viúva mandou colocar na sepultura do marido uma lápide com a seguinte inscrição. - Minha dôr é tamanha que não posso viver. Um anno depois tornou a casar e a incripção foi assim modificada.

- Minha dôr é tamanha que não posso viver só. (O Periquito, Aracajú, 20 de junho de 1895, n.10, p.3).

## ANEDOTA 31

Que é isto, mulher?... estás só a abrir a boca!... – E' que tu e eu somos um e fico muito aborrecida quando estou só. (O Periquito, Aracajú, 25 de junho de 1894, n. 04, p.3).

## ANEDOTA 32

Se meu marido morresse, eu ficaria douda... – Por que minha senhora? Por me casar outra vez!

(O Periquito, Aracajú, 25 de junho de 1894, n. 04, p.3).

## ANEDOTA 33

Uma dama da província tinha escripto a uma amiga da corte para lhe pedir que lhe procurasse um preceptor que tivesse taes qualidade, cuja enumeração era infinda; além disso sua carta era urgentíssima. Sua amiga respondeu: - Minha cara, tenho procurado um preceptor qual m'e pedis e ainda o não acheis; porém continuarei a procurar, e prometo-vos que, logo que o tenha achado, casarei com ele.

(O Matinal, Aracaju, 04 de Janeiro de 1897, n.23, p.3).

## ANEDOTA 34

Certo individuo rico mais idoso, teve a fortuna de casar com uma mulher, muito nova e muito formosa, mas com o defeito de ser muito leviana. O marido de cada vez que olhava para ella revia-se em sua formuzura e dizia: - Meu Deus! Que eu não seja; - mas se fôr que não o saiba! – e se souber, dai-me paciencia!... (O Paladino, Aracajú, 10 de novembro de 1889, nº10, p.03).

## ANEDOTA 35

No Tribunal um marido acusa a esposa de adultério. Que idades tem? Pergunta o juiz ao marido: quarenta e sete anos. É falso, grita a acusada, tem 62 feitos... mente para diminuir as circunstancias atenuantes a meu favor.

(O Paladino, Aracaju, 06 de novembro de 1889, n.06, p.3).

## ANEDOTA 36

Um esposo querendo divorciar-se, vai ter com um advogado e conta-lhe que, entre outras queixas, pode provar que a mulher se recusou uma vez a abrir-lhe a porta. – E' preciso ser justa, contudo, diz o advogado com placidez: talvez não estivesse só.

(O Paladino, Aracaju, 05 de setembro de 1889, n.07, p.3).

## ANEDOTA 37

Uma senhora foi confessar-se ao mesmo padre a quem seu esposo já havia feito o mesmo. Depois de recitar a oração de contrição, calou-se na metade. – Accuse-se dos seus pecados, disse o padre. – Isso é desnecessario, porque, como meu esposo veio primeiro, ele deve ter dito o que tenho feito e o que estou para fazer.

(O Matinal, Aracaju, 09 de agosto de 1896, n.3, p.3).

## ANEDOTA 38

Um honrado sargento da guarda nacional surpreende sua mulher em conversação criminosa; puxa do alfanje e quer vingar a injúria, que recebeu, no sangue do seductor, quando a mulher exclama: - Pára desgraçado! Tu vais matar o pai dos teus filhos!

(O Matinal, Aracaju, 20 de julho de 1897, n.59, p. 03).

## ANEDOTA 39

Um marido, quase conformado com a sua sorte: - Meu Deos! E porque não hei-de eu perdoar-lhe? Pensando bem quanto ela me foi fiel até ao dia em que me traiçoou.

(O Matinal, Aracaju, 04 de Janeiro de 1897, n.23, p.03).

## ANEDOTA 40

Ammigo como estás? – Não passa muito bem. – Morreu-te alguém. – Morreu-te alguém, rapaz? – Não me me morreu ninguém. Casei-me, não sabias?! Mas isso não te atraza?! Mas..., tenho há já três dias, minha sogra em caza.

(O Caixeiro, Aracaju, 08 de agosto de 1891, n. 01, p.03).

## ANEDOTA 41

Certo individuo foi tratar aluguel com a dona de uma casa de commodos. – E' grande a sua família? – Trez pessoas unicamente: Eu, minha mulher e minha sogra?! Ah! E o senhor mora com sua sogra?! - Moro sim. – Então não lhe posso alugar com nada... não gosto de trovoadas em casa.

(O Caixeiro, Aracajú, 16 de maio de 1891, n.03, p.03).

## ANEDOTA 42

Fallava-se n'uma reunião dos homens que mais soffereram no mundo. – Para mim, disse um dos presentes, o homem mais infeliz do mundo foi Henrique VIII da Inglaterra. – Porque? Perguntaram-lhe. – Porque houve um momento na sua vida em que teve vivas sete sogras.

(O Matinal, Aracaju, 16 de agosto de 1896, n.4, p.3).

## ANEDOTA 43

Num castelo de um marquês tinha um relógio muito pesado. Já não existe, porque um dia as estacas cederam ao peso e o relógio caiu, com grande estrondo. O mais curioso é que a sogra do marquês, quando o relógio caiu, tinha passado por baixo dele ainda não havia um minuto. O Marquês, quando fala no caso, acrescenta logo: - Sempre disse que este relógio andava atrasado.

(O Matinal, Aracaju, 28 de setembro de 1896, n. 10, p.03).

## ANEDOTA 44

O homem apresenta-se com um lenço atado, dando volta para cima da cabeça e por baixo do queixo, apertado. – O que foi isso? – Pergunta-lhe um amigo. – Dói-te a cabeça? Os dentes? Ou foi algum desastre? – Nada disso. Morreu a minha sogra. – Então? ... Morreu-te a sogra... e porque é que trazes os queixos amarrados? – E' para não me rir!

(A Patrulha, Aracaju, 02 de novembro de 1890, n.03, p.3).

## ANEDOTA 45

Diante do altar: O sacerdote, antes de lançar a bênção: - Se há algum impedimento, o declarem, sob a pena de excomunhão, etc. O noivo cocando a cabeça, diz: - À um impedimento, senhor padre, mas esse é monstruoso, é horrível... Sacerdote: - homem! Qual é ele? Noivo: - É... a minha sogra.

(A Patrulha, Aracaju, 3 de novembro de 1890. n. 01, p 3).

## ANEDOTA 46

Quem aquela senhora tão volumosa que ocupa todo o sofa? Que bicho tão disforme! É um verdadeiro monumento. Expiatório, cavalheiro, expiatório ...é minha sogra!

(A Patrulha, Aracaju, 02 de novembro de 1890. n.01, p.3).

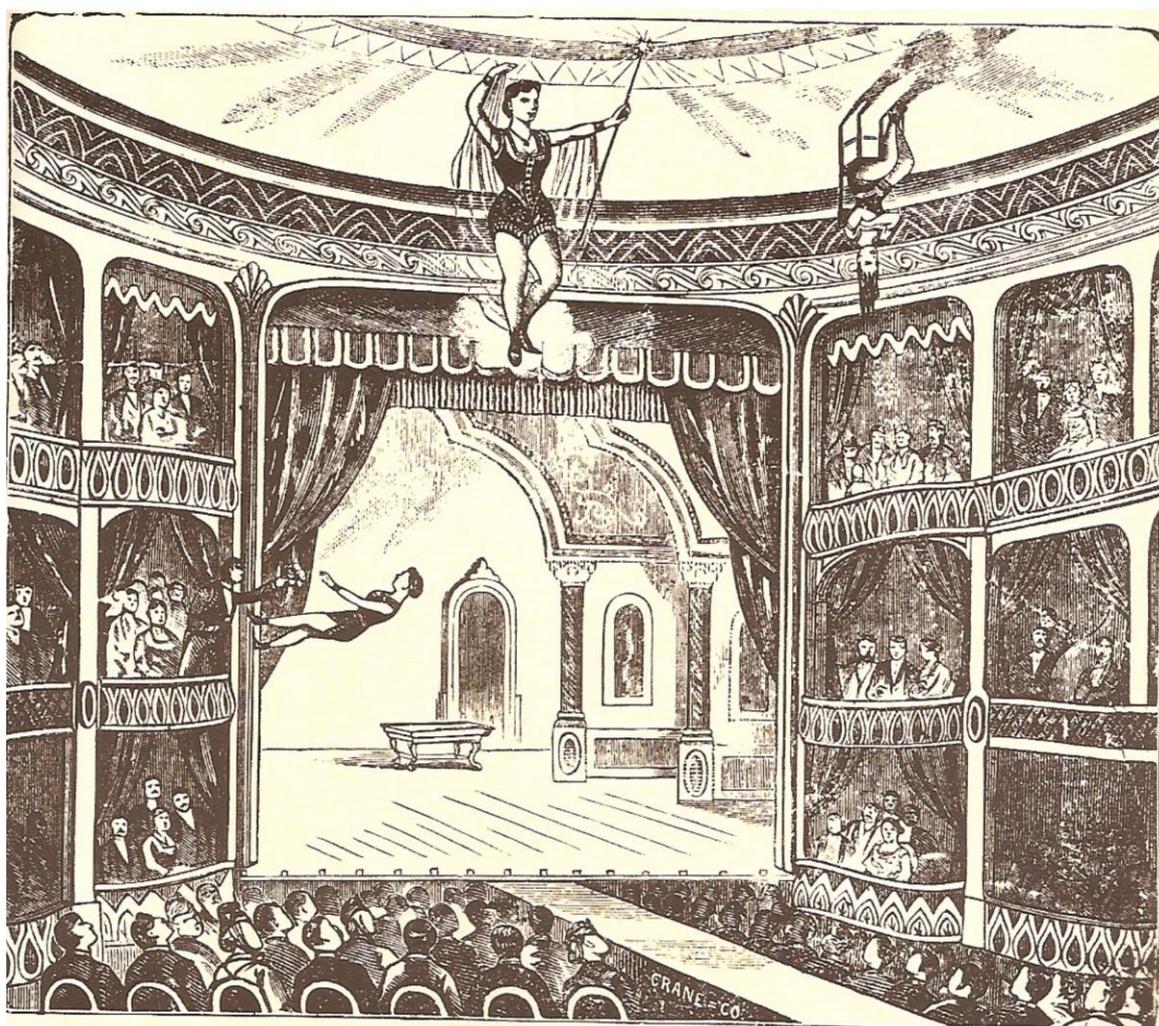
## 2- IMAGENS

### Vestuário Feminino Oitocentista



Fonte: Freire, Gilberto. Sobrados e Mucambos

## Um espaço da sociabilidade feminina oitocentista: o teatro



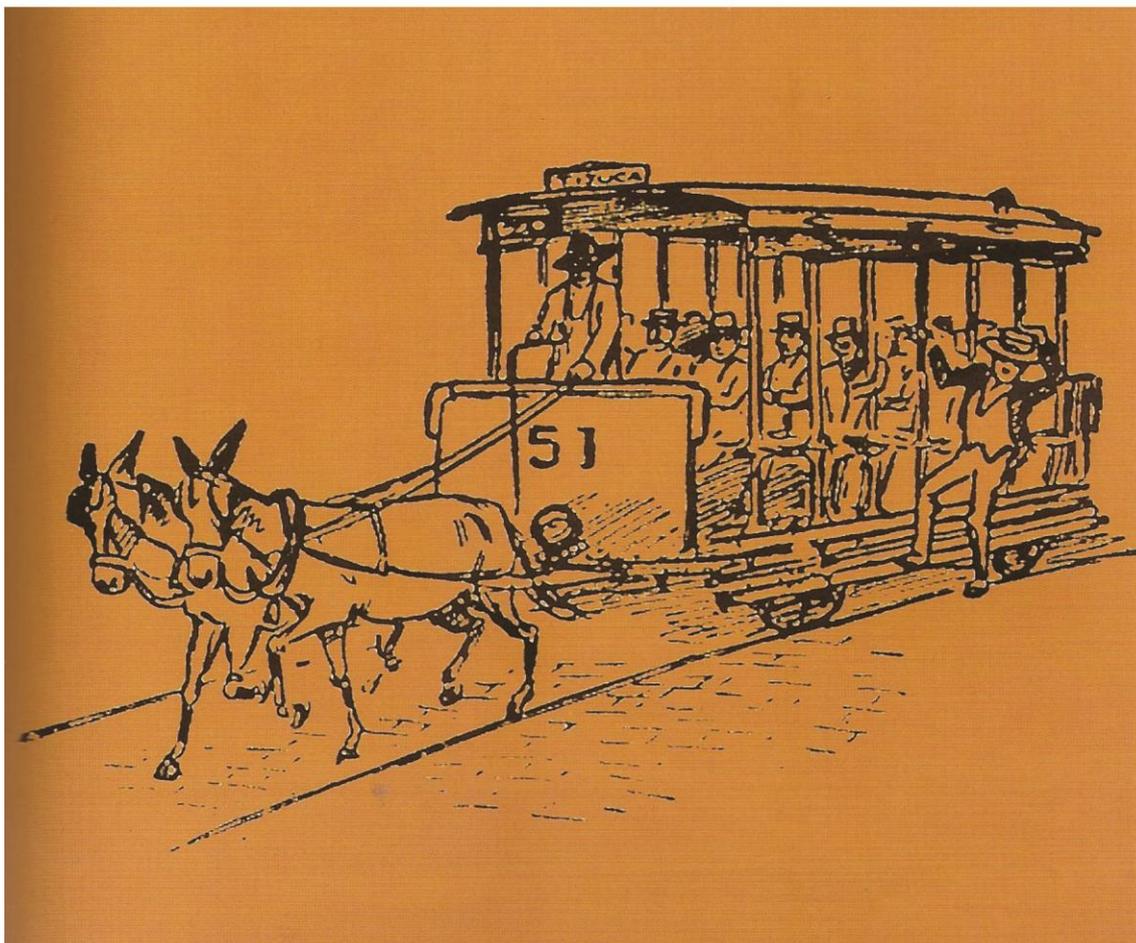
Fonte: Freire, Gilberto. Sobrados e Mucambos

## Um espaço da sociabilidade oitocentista: os cafés



Fonte: Freire, Gilberto. Sobrados e Mucambos

## Um meio de transporte oitocentista: o bonde



Fonte: Freire, Gilberto. Sobrados e Mucambos

## Retratos da mulher burguesa oitocentista:

### ***Arrufos, 1887.***

Pintura óleo sobre tela de Belmiro de Almeida(1858 - 1935)  
Museu Nacional de Belas Artes



## Retratos da mulher burguesa oitocentista:

### ***Más noticias, 1895***

Pintura óleo sobre tela de Rodolpho Amoedo (1857 - 1941)  
Museu Nacional de Belas Artes

